

Revista da Academia
Sul-Mato-Grossense de Letras

Apoio cultural:

Prefeitura Municipal de Campo Grande.

Distribuição gratuita.



Revista da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

n. 6

dezembro de 2004

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras
Campo Grande – Mato Grosso do Sul

A Revista da Academia
Sul-Mato-Grossense de Letras
foi criada em 2003, na presidência
do acadêmico F. Leal de Queiroz.

Diagramação e revisão:
H. Campestrini.

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras
Rua Rui Barbosa, 2.624 – fone/fax (67) 382-1395
79002-365 Campo Grande MS
www.acletrasms.com.br
end. eletr.: acletrasms@acletrasms.com.br

Com a publicação do sexto volume da REVISTA DA ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS chegamos ao final de um venturoso 2004. Para tanto, não nos faltou a dedicada colaboração dos universitários estagiários Kirya Carolina de V. Arias, Emanuela Hoegen, Gislene da Silva Gomes, Tiago Dias da Silva, José Lenilso Alves e Camila Gutiérres Pereira, sob a supervisão do secretário-executivo Hildebrando Campestrini Júnior, propiciando a todos os ilustres sócios efetivos deste sodalício obsequiosa atenção às suas solicitações no desempenho do labor daqueles que desinteressadamente louvam o culto das letras, da história, das artes.

É mister ressaltar que sem a inequívoca participação do confrade H.Campestrini, esta Revista não teria a existência tão generosamente aplaudida, transformando-se na mensageira dos ideais inspirados, sob o teto da Casa Luís Alexandre de Oliveira.

Registre-se ainda que, sem a colaboração do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul nas despesas da Casa, não seria possível a regularidade da Revista.

O ano próximo requisitará novas propostas e a tarefa a ser perseguida, hercúlea sem dúvida, convocará todos os nossos acadêmicos para a cruzada que afirmará de vez o destino da nossa Academia.

Não podemos deixar de registrar a perene gratidão da Academia ao dinâmico prefeito Dr. André Pucinelli, pelo irrestrito apoio a esta publicação e às iniciativas deste Sodalício.

F. Leal de Queiroz

Sumário

Lino Villachá – 11.

Américo Ferreira Calheiros – 23.

Reginaldo Alves de Araújo – 31.

José Pedro Frazão – 39.

Lucilene Machado – 47.

Zorillo de Almeida Sobrinho – 57.

Guimarães Rocha – 65.

Rubenio Marcelo – 73.

Abílio Leite de Barros – 83.

Pérolas da Poesia Brasileira

Língua Portuguesa*

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrollo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: “meu filho!”,
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Nel mezzo del camin...

Ceguei. Chegaste. Vinhas fatigada
E triste, e triste e fatigado eu vinha.
Tinhas a alma de sonhos povoada,
E a alma de sonhos povoada eu tinha...

E paramos de súbito na estrada
Da vida: longos anos, presa à minha
A tua mão, a vista deslumbrada
Tive da luz que teu olhar continha.

Hoje, segues de novo... Na partida
Nem o pranto os teus olhos umedece,
Nem te comove a dor da despedida.

E eu, solitário, volto a face, e tremo,
Vendo o teu vulto que desaparece
Na extrema curva do caminho extremo.

Via Láctea – X

Deixa que o olhar do mundo enfim devasse
Teu grande amor que é teu maior segredo!

Que terias perdido, se, mais cedo,
Todo o afeto que sentes se mostrasse?

Basta de enganos! Mostra-me sem medo
Aos homens, afrontando-os face a face:
Quero que os homens todos, quando eu passe,
Invejosos, apontem-me com o dedo.

Olha: não posso mais! Ando tão cheio
Deste amor, que minh'alma se consome
De te exaltar aos olhos do universo.

Ouço em tudo teu nome, em tudo o leio:
E, fatigado de calar teu nome,
Quase o revelo no final de um verso.

Via Láctea – XII

Sonhei que me esperavas. E, sonhando,
Saí, ansioso por te ver: corria...
E tudo, ao ver-me tão depressa andando,
Soube logo o lugar para onde eu ia.

E tudo me falou, tudo! Escutando
Meus passos, através da ramaria,
Dos despertados pássaros o bando:
“Vai mais depressa! Parabéns!” dizia.

Disse o luar: “Espera! que eu te sigo:
Quero também beijar as faces dela!”
E disse o aroma: “Vai, que eu vou contigo!”

E cheguei. E, ao chegar, disse uma estrela:
“Como és feliz! como és feliz, amigo,
Que de tão perto vais ouvi-la e vê-la!”

* Os quatro sonetos são de Olavo Bilac.

Homenagem a



Lino Villachá

Lino Villachá

Lino Villachá nasceu em Campo Grande (MS). Acometido pela hanseníase aos doze anos, foi destinado ao Sanatório São Julião em Campo Grande. Aí encontrou internos com boa instrução, com os quais aprendeu a lidar com a escrita. Transformou-se em líder e escritor. Foi diretor de escola. Faleceu em 1995. Deixou seis obras (algumas traduzidas para o italiano), das quais se destacam: A DOR, O AMOR E A VIDA NA POESIA DE VIDA DE LINO VILLACHÁ e LUZES DO MEU CAMINHO.

Réquiem ao meu pássaro morto

Sob os pés dos quatro coqueiros,
palmas acenando ao vento,
depus o meu passarinho morto,
pobrezinho, que tanto conforto
me dera cantando
uma saudade sem alento...

Atrás desse cortejo
vieram duas crianças
e o arco-íris que num beijo
abriu-se em luzes no espaço.

“Deixem-no passar, por favor,
que o meu Tequinho vai levar
um recadinho pro meu amor...”

Um bem-te-vi, pairando no ar, me diz:
– Não fique triste, rapaz,

ele agora vai estar
com São Francisco de Assis.

A menininha de olhos baixos,
parados na covinha que eu abria,
exclamou: – Que lugar bonito
para se morrer um dia!...

Ser folhas
ter abraços
a todos os pássaros
e continuar
sendo uma canção à tua porta...

Voltamos,
duas meninas e um homem triste,
enxada às costas,
e um longo caminho a percorrer.

Quase não contendo o pranto,
nesse dia não sei por que
os pássaros-pretos cantaram tanto...

Como foi bom te encontrar!

Sutilmente
tua presença
fluiu
para o meu vazio
como o Sol
afastando nuvens
e enchendo de luz
o meu dia sombrio.

Eu me senti invadido
não por palavras
ou gestos,

mas por um olhar
trascendente,
pensamento,
oração envolvente,
que me fez voltar
o rosto distraído
surpreendido
com o Infinito presente.

Um ano,
quem diria!
Voando
passou.
Quando se quer
bem
como nos queremos,
nem sequer vemos
a paisagem passar.
Vão-se os meses
e a angústia do Amanhã
que nem percebemos.
As estrelas vinham conosco
e a luz nos seguia...
Eis aí o dia
de não mais chorar....

Canção dentro de mim

Navego dia e noite
em meus pensamentos
e atravesso paragens tristes,
nostalgias
e me contento
com as lembranças felizes
voando comigo
pelos momentos.

Eu vou indo dentro de mim
e para onde vão
não importa, não,
esta dor
este jeito
estes trapos
abanando ao vento;
não importam tantas
preocupações,
maus-tratos,
nem as mágoas,
águas
que passam
lentas
debaixo das asas
de meu pensamento.
Eu vou indo
pelos momentos
e lembranças boas
vão comigo
neste voar rasante.
Mais adiante
levantarei
minhas asas
para o Infinito.
Agora não.
Agora sou canção
dentro de um grito.
A canção seguirá
seu rumo...
E o eco da dor
se perderá
em suas paredes
de granito.
Ai! toda dor leva
em seu bojo

uma canção
pássaro preso na mão,
flor cantando ao vento
no topo de uma montanha
de pedra...

A flor e o rio

A flor pequena tremula
às margens de um rio.
Um rio qualquer
de vida e de água,
a correr, a lutar,
em que passam mágoas,
remoinham remansos,
curva que recurva
que até se perde
na fundura do mar,
de um mar sereno
e profundo como todo
infinito sondável
de alma, céu e mar.
E a imagem da flor
é serena no fundo
das águas turvas
a rolar,
pois que a vida se resume
na paz de um bem-querer
às margens de um pranto.
Ternura da tarde
caindo de manso
na inquietude
selvagem
impregna nosso ser
de tua imagem!
Bota um canto

de alegre primavera
na garganta da terra
desse sabiá,
chuvisca de estrelas
esse sertão brabo
e deixa cair um luar
manso nessa paisagem
de pedra!
Que a bondade e o Amor
cubram nossa face e mudem
nosso interior, para todo
sempre, Senhor!

Aos meus colegas deficientes

Se não podes mais lavrar a terra
há terrenos interiores
que se revolvem
e frutificam
mais demoradamente...

Se não podes mais correr
atrás da bola
olha,
há bolas de luz
e metas infinitas
onde não se perdem gols
e não se batem pênaltis.

Se não podes mais manejar máquinas
há dentro de ti
alavancas invisíveis
que se movem
com o querer
e que locomovem
engrenagens mais profundas
e mais benditas.

Se não podes mais levantar-te dessa cama
ou dessa cadeira
levanta tua alma aos que estão de pé
caindo diante de ti.

Se não podes mais ver
a luz do dia
ou sentir a melodia
do vento,
olha pra dentro
das pessoas
que andam por aí
quais mariposas atordoadas
morrendo de olhos abertos
diante de mil sóis pelas estradas...
E dize-lhes que mais para dentro
há uma luz suave,
tão suave e uniforme
que é Paz e Hino
em que tu podes
com teus braços inertes
mergulhar
para abraçar
mil ombros fortes,
em que teus olhos mortos
emergem
enchendo de luz
olhares tristes...
Em que tuas pernas prostradas
levantam
mortos pelo caminho.
Sê como o sabiá
a quem a vida negou
lindas plumagens
e da sua tristeza arrancou
ecos de céu mais lindos ainda.

Prece das mãos leprosas que agradecem

Essas mãos, Senhor,
que não sinto minhas;
essas mãos simiescas,
engruvinhadas
ao longo de mim,
dantescas,
como se eu fora algo
que secura por inteiro.

Ah, essas mãos, insensíveis
e desfeitas,
que pedem em gestos mortos
têm viva a alma
e sentem a Vida e o Calor
das mãos que as estreitam
e afagam...

Colhem ao luar
a melodia em neve de Luz
e poesia.

E, sobretudo,
estas pobres mãos em prece
encurvadas pela dor e contritas,
percebem o sonho de umas mãos
terníssimas
a cobri-las e a afagá-las...

Ao estendê-las,
a vós, Senhor, com carinho,
agradeço-vos porque
imersas na vossa Luz
as ausências dolorosas
destes dedos decepados
vão deixando cair estrelas
pelos vazios dos caminhos...

A árvore do rio

Era uma árvore velha e nodosa que se debruçava na beira do rio, aquela velha árvore de minha infância. E de seus galhos, nós, os meninos, pulávamos nas águas onde era costume alegremente nadarmos. A cada pulo, ela se sacudia como uma vovó em risos convulsivos vendo a algazarra de seus netinhos.

Por baixo de seus ramos, que pareciam querer abraçar o rio, passavam sonolentas as águas. Num de seus galhos – como é doce recordar! – havia a casa de um João-de-Barro e, naqueloutro, mais acima, um ninho de rolinhas fogo-apagou, com dois ovinhos.

Ah, como eu gostava daquela árvore! Todas as tardezinhas, quando o sol tingia o poente de minha terra com aquelas cores inesquecíveis e impossíveis de se descrever, e ao longe os sinos da matriz anunciavam mostálgicos a Ave-Maria, lá estava eu, debaixo dela, de caniço na mão, pescando; nessa hora, antes de irem para suas camas, os pássaros, como um bando de crianças, comentavam reunidos, e todos ao mesmo tempo, as peripécias e acontecimentos do dia. Mas aquele João-de-Barro era o mais assanhado de todos: de peito levantado arrogantemente, ele gesticulava como um inflamado orador à frente de sua casa, lançando ao ar um veemente protesto.

De nossa morada podíamos avistar “a árvore do rio”, como a chamávamos, e a mim parecia, ao vê-la à distância, uma velha corcunda lavando sua roupa naquelas águas...

Quando cometia em casa alguma arte e papai num acesso de fúria me batia, ou gritava comigo, eu então prometia fugir de casa... e em seus galhos ia me refugiar. Era nesses braços que depois, procurando, papai vinha me encontrar.

Ah, árvore querida, hoje eu invoco com infinita saudade seu vulto perdido na neblina de um passado tão distante! E pesaroso digo: por que o tempo não parou? Não, foi a tempestade daquele dia que te derrubou – eu que fui levado pela enchente do tempo e do destino, que de ti me separou!

Quando te vi rodando desesperadamente, com os braços erguidos, pelas mesmas águas que te viram nascer, e contigo a casa de João-de-Barro e o ninho da rolinha, também um pedaço de mim se partiu contigo, árvore querida...

Reflexões – III

Lá embaixo a cidade é um enxame. Carros e ônibus transportando vida. Gente que vem, gente que vai; gente que ri, gente que corre...

Aqui do alto da janela do hospital, acorrentado à cadeira de rodas, que represento eu?

A cidade cresce e se espalha rapidamente como água no assoalho. Estende seus braços, abraça outras cidades. E no caminho espoucam edifícios, brotam do chão tentáculos das estradas. Martelos repicam. Serras zunem. Ao longe, campos enverdecem para a vida subsistir.

Que faço eu atado a este tronco?

No batente da janela uma formiguinha luta carregando um pequenino grão de cereal; pássaros passam com capim no bico; e eu tenho que esperar que me tragam comida...

Ouçõ um gemido.

Rodo minha cadeira e vou ao quarto vizinho. Um homem jaz sobre o leito. Tem pernas, tem braços. Pode andar. E seu mal tem remédio. Digo-lhe que ficará bom em breve. Que conheço sua doença. Que os medicamentos hoje são maravilhosos. “Já vi casos piores se recuperarem. Sou testemunha, pode crer...”

Ele sorri.

Sinto então em seu olhar mortício um brilho, como que uma luz acendendo-se em meio a trevas. E dela uma voz: “Obrigado, você me deixa feliz”.

Dentro de mim uma felicidade cresce.

De repente dou-me conta de que sou dono de um poder importante e valioso. Algo imperecível a que nem mesmo uma cadeira de rodas constitui empecilho. Nem um leito. Nem surdez ou cegueira. Imobilidade ou rigidez. Abro clareiras. Acendo trevas. Atravesso a Morte. Renasço para a vida.

* * *

Américo Ferreira Calheiros

Américo Ferreira Calheiros nasceu em Goiana (PE) em 1952. Radicado em Campo Grande. Professor e teatrólogo. Criou o Grupo Teatral Amador Campo-Grandense (Gutac). Presidente da Fundação Municipal de Cultura, Esporte e Lazer. Publicou: SEM VERSOS, MEMÓRIA DE JORNAL, DA COR DA SUA PELE, A NUVEM QUE CHOVEU. Ocupa a cadeira n. 7 da Academia.

A arte de ler

Ler não é simplesmente decodificar os signos escritos. É preciso ir além dos meros significantes. E mais do que entender os significados existentes em cada símbolo gráfico, é a necessidade de percebê-los em suas múltiplas extensões, encaixando-os sensivelmente no contexto em que estão inseridos numa construção lingüística. Ler não é apenas reproduzir oralmente na cabeça os sons que são emitidos de cada fonema, transformando-os em uma sinfonia, muitas vezes bela, porém sem nenhum sentido maior para o conhecimento ou para a emoção. O ato de ler não compreende apenas a singela repetição, oral ou mental, do que está escrito. Ler, no sentido maior da palavra, implica compreender. Aí está a grande magia do ato de ler de alcance sócio-cultural.

Já houve tempo em que a leitura não cabia na mulher. Já houve tempo em que a leitura apavorava os mandantes. Isso é compreensível, porque ler é descortinar horizontes, é quebrar tabus, é enxergar novos mundos, é compartilhar o poder, é vencer medos. É criar. Mais do que tudo isso, ler é penetrar no reino ilimitado do conhecimento, singrando “mares nunca dantes navegados”, numa paráfrase alusiva a um dos famigerados versos de Camões nos LUSÍADAS, e nunca mais voltar a ser o mesmo marinheiro de primeira viagem. Ler é mudar-se e não perder nunca mais a chance de estar mudando, a cada nova leitura, opiniões, conceitos e até sentimentos.

Infelizmente a escola atual vem perdendo a capacidade de ensinar a ler, pois, aliados aos mais de 13 milhões de analfabetos crônicos, as estatísticas indicam cerca de 11 milhões de analfabetos funcionais, o que é muito triste e preocupante para o país. Esse desafio de fazer ler, com competência, que a escola tradicional de alguma forma cumpriu, está ficando perdido nas curvas das mudanças meramente formais pelas quais o processo educacional vem passando nas últimas décadas.

Ler bem e querer ler sempre, de tal forma que o tão propalado hábito da leitura mais que isso seja um doce e prazeroso deleite, é o ápice do saber ler como uma conquista do cidadão culturalmente disposto a preparar-se durante a vida toda. Quando isso ocorre, mais do que uma luta com as palavras, com o tempo que se busca para encaixar a leitura na agenda diária da vida, com o preço dos livros, com a seleção do que se ler, com o desespero de não poder estar lendo tudo que o mundo da literatura e os meios de comunicação oferecem aos comuns mortais, a leitura passa a ser um privilégio, um especial manjar dos deuses. E passa também a ser ação e contemplação, loucura e consciência, razão e emoção, revolução permanente na estética da vida. Enfim, passa a ser uma arte.

É essa pequena arte, perante os olhos do HOJE, que se torna imensa quando se pensa no poder da leitura e na ilimitada química de alterações sociais que podem vir em seu rastro.

O poeta Mário Quintana, em seu poema EMERGÊNCIA, diz que quem faz um poema salva um afogado. Logo não é absurdo dizer que quem ensina a ler salva desesperados.

Em princípio, ler de tudo; até bula de remédio, como incitam os mais radicais defensores da leitura. Ler sempre, como provocam os intelectuais mais ferrenhos. Ler com a alma, como sugerem os poetas. Ler com a vida, pela vida e para a vida, como prevêem os artistas e fazer a grande leitura da sociedade, como preferem os progressistas educadores; mas ler! Ler sempre com atitude, consciência e amor.

A arte de viver

Viver não é simplesmente cumprir um calendário no planeta Terra. Nem inspirar e expirar automaticamente o ar que ainda é de graça. Muito menos esgotar ciclos que vão da infância à velhice como quem carrega

uma cruz carmática ou, pior ainda, sem sequer se dar conta de que esses ciclos existem. Fazer filhos, criá-los e vê-los partir. Plantar árvores, cuidá-las e queimá-las depois. Escrever livros, editá-los e esquecer seus avisos. Trabalhar demais. Eventualmente descansar aos domingos e se dispor ao lazer quando sobram tempo e dinheiro. Ora, esses não podem ser os únicos lenitivos dessa passagem-aprendizagem nessa terra de exilados espirituais.

Viver também não é só morrer inexoravelmente, todos os dias, com gosto de quem mastiga isopor na boca. E nem brigar contra o tempo com a boca escancarada esperando a morte chegar, como cantou o irreverente Raul Seixas. Viver pode ser, sim, pura inspiração, muita inspiração que vem, aliás, com a possibilidade de se usufruir holisticamente o mundo. Não se esquecendo de que somos matéria física, que o corpo é o nosso fio-terra, mas que podemos estar sempre em harmoniosa sintonia com a natureza e com toda energia cósmica que nos orienta e, em consequência, com os seres vivos de todas as espécies com quem podemos trocar experiências, vivências e energia espiritual.

Viver pode representar, sim, a mera e exaustiva repetição de dias e noites. Mas pode ser também – por que não? – a extrema e delicada interação com o belo, entendendo-se por isso absolutamente tudo que extasia e proporciona prazer aos sentidos, ao fazer diário, às emoções.

Viver como quem canta, como quem dança, como quem cria é viver em estado de arte. Vale a pena lembrar um ditado popular que diz: “Viver bem é uma arte”; e não há por que discordar desse pensamento simples e profundo.

Mesmo na simplicidade cotidiana, viver pode revestir-se dessa plenitude de ser arte quando o norte da vida está orientado pela proposição básica de respeitar-se e o meio ambiente, estendendo esse respeito aos demais seres e educando-se permanentemente nessa direção. A capacidade de estender a policromia dos nossos sentimentos às energias que nos completam é uma ampliação ilimitada do ato de viver.

Se viver não é tropeçar em urtigas, muito menos caminhar por sobre flores, não pode deixar de ser, singularmente, o saborear instigante do improvisado que nos surpreende a cada esquina, do solfejar beijos, do às vezes desconcertante e fugaz olhar de alguém.

E viver pode ser, até se que prove o contrário, navegar na embarcação do chamado amor com gosto na boca de quem mastiga ilusões.

Mas pode até ser – por que não? – o gosto pleno de almas quase gêmeas. Amar, mesmo nas canções, como disse o eterno Carlos Drummond de Andrade, é um alerta básico para quem quer brincar, sentir e viver.

Afinal “viver e não ter a vergonha de ser feliz” é um verso de ímpar beleza de uma canção interpretada pelo saudoso Gonzaguinha que, se não diz tudo, diz quase tudo. E por tudo isso e por muito mais que se pode estar sendo produzido no secreto arquivo sentimental de cada ser humano, a cada momento, é que repito versos da mesma canção, acima citada, que a vida é bonita, é bonita e é bonita.

A arte de escrever

Impossível dissociar um grande escritor de seu país de origem. Aqueles que conseguiram captar, por meio de seus escritores, a alma de uma nação com seus costumes, tradições e vivências passam a ter e ser a cara desse povo que retrataram fidedignamente. Assim, William Shakespeare está intimamente ligado à essência da Inglaterra, Miguel de Cervantes à da Espanha, Fiodor Dostoievski à da Rússia e Jorge Amado à do Brasil, dentre outros tantos que realizaram, com maestria, essa epopéia. Faça esta introdução, a este artigo, para demonstrar quão importante é a escrita, sua ilimitada abrangência e seu poder cultural.

Escrever requer o domínio básico do código lingüístico e a esse todos os alfabetizados, com maior ou menor propriedade, têm acesso.

Escrever, no sentido pleno da palavra compreende muito mais que isso: é a capacidade de unir forma e conteúdo, com apurado domínio do código lingüístico aliando a isso original abordagem do tema enfocado, extrema coerência no desencadear desse tema, fina sensibilidade na exposição das idéias e competência na harmonização desses aspectos, criando uma particularidade estilística que imprima a essa escrita um caráter único. Unam-se a esses ingredientes o compasso, a cadência e a harmonia na elaboração dessa escrita, de tal sorte, que quem a ler esteja como que deslizando suavemente por sobre as palavras. Além do mais, escrever exige compromisso de quem o faz, com o seu tempo, pois escrever também é fazer a história.

Mais do que simplesmente um código, dá para se perceber, escrever é verdadeiramente uma arte. Entenda-se por arte atividade que envolve a emoção e a estética na manifestação de sentimentos e de uma visão de mundo.

Escrever bem exige o desejo de comunicar uma idéia, muita leitura, apurada observação da realidade e objetiva capacidade de síntese. Carlos Drummond de Andrade, falando sobre a escrita poética em seu poema *Procura da Poesia*, aconselha: “Penetra surdamente no reino das palavras, lá então os poemas que esperam para ser escritos”... e mostra a sensível ciência da escrita em seus versos singulares.

Na educação atual em que o ato da escrita já foi motivo de tantas reviravoltas e polêmicas e onde em dado momento se valorizou mais o conteúdo, em detrimento da forma, ou vice-versa, recuperar o valor da escrita, em sua excelência, não vem sendo uma tarefa fácil e nem todos os educadores têm dado a essa empreitada o seu real valor. É preciso estimular as novas gerações a pensar e a expressar, com competência, seus pensamentos na expressão escrita.

O fato é que, queiram ou não, dêem ou não ao ato da escrita a dimensão que possui e o papel primordial que tem na sobrevivência de uma língua, principal instrumento de soberania cultural e política de um povo, está mais do que na hora de se dar à escrita a atenção que ela merece. O preço a se pagar pela omissão em relação à escrita é a proliferação, cada vez maior, de analfabetos funcionais e de uma legião de pseudo-escritores. Aliás, sob o rótulo de escritor tem-se visto ultimamente, e particularmente no Estado, uma crescente leva de falsos escritores, pessoas que não têm o domínio mínimo do ato de escrever e que em termos de criação estão ainda no pré-parnasianismo.

Ainda bem que a língua portuguesa é forte, consolidada e já sobreviveu altaneira às mais hediondas agressões. Ela oferece generosa, a quem dela quiser se utilizar, com responsabilidade e conhecimento, a oportunidade ímpar de elaborar e ou criar pérolas literárias. Entretanto sempre é necessário chamar atenção sobre os descabros que têm sido cometidos na sua utilização até para assegurar, às novas gerações, uma língua íntegra em sua substância e perfeita em sua estruturação.

A escrita pode e deve, mesmo no dia-a-dia, ser utilizada com engenho, amor e arte. Afinal, é preciso mergulhar no mundo das palavras com o respeito que ele merece e dele tirar tudo, e muito mais, porque ele é inesgotável.

Esta capacidade que alguns escritores, como aqueles citados no início deste artigo e centenas de outros, demonstraram no uso da escrita

os fez, além de artesãos da palavra verdadeiros artistas, a quem a matéria básica de suas criações, a escrita, mais do que ser apenas signo ou mero código, transformou-se em instrumento de arte.

A arte de escrever expressa na grandiosa obra desses escritores, e outros tantos consagrados mundo afora, deve servir de inspiração a quem se dispõe a utilizar da escrita como veículo de comunicação.

Escrever bem é uma arte e como tal imortal.

A arte da sedução

Vem da bíblia a primeira notícia de uma sedução decisiva para os destinos da humanidade: Eva sobre Adão. De lá para cá as histórias, as lendas e a ficção, de um modo geral, têm registrado nomes, fatos e figuras que incorporam num dado momento e imprimem para sempre no imaginário da raça humana o fantástico poder de seduzir.

Um império foi pouco para Cleópatra, milhares de mulheres sucumbiram ante o irresistível apelo de Casanova, Romeu e Julieta compartilharam com a morte a mútua sedução. A Bela Adormecida, Cinderela e outras tantas seduzem há séculos crianças pelo mundo inteiro com a força de suas estórias. E modernamente Madona, sintetizando em seu nome todos os ícones *pop stars*, seduz centenas de milhares de pessoas, das mais distintas classes sociais pelo mundo afora, num puro fenômeno de sedução de massas.

Não quero falar aqui sobre a máquina da mídia com todos seus recursos, que além da arte também está na política e tem produzido ou ajudado a consolidar líderes políticos com alta capacidade de seduzir e induzir às vezes ao caos total vidas e vidas.

Quero resgatar um pouco, e trazer bem para perto da gente num jeito bem informal, essa aura que marca com tanta força certas pessoas e que aparentemente inexistente em outras: a capacidade de conquistar.

Será a sedução um recurso nato ou como asseguram centenas de livros de auto-ajuda é um instrumento que pode ser aprimorado pelo ser humano, com técnicas próprias para cada situação, pessoa e objetivos a serem atingidos. O memorável Casanova tinha uma série de regulamentos e táticas próprias para cada mulher considerando seu tipo físico, classe

social e outros atributos. Claro que hoje tudo é objeto de estudo e conseqüentemente de sistematização, entretanto pergunto: pode caber dentro de uma série de dez regras a volúpia sedutora, às vezes tão terna e fatal, de uma Marilyn Monroe? Que segredos guardava em sua espontaneidade a *blonde* mais poderosa e sensual de Hollywood e que décadas após morta ainda incendeia imaginações, instiga biógrafos, movimenta milhões de fãs e dólares pelo planeta?

As armas secretas de tão poderosas sedutoras como Gisele Bündchen, a brasileira que enfeitiçou o mundo, fogem do alcance dos comuns mortais; o fato é que existem.

Voltando ao eixo básico do que instigou a escrita deste artigo observe: quando começa o ato de sedução a instalar-se no ser humano. Não será nas pequenas solicitações das crianças junto aos pais buscando êxito nas mínimas investidas como: – mãe, deixa eu ir brincar, vai? Porque alguém já desde tão cedo envolve todos em seus intentos enquanto outros não.

O jeitinho certo, o charme, a força da persuasão implícita no jeito de olhar, de falar, de pedir, de seduzir... Não resta dúvida: seduzir é convencer.

O êxito no processo de sedução na adolescência talvez seja determinante na criação dos futuros sedutores e na falência de outros tantos. Seduzir é se fazer aceito ou aceita e isto é definitivo para o sucesso ou não na vida de muitas pessoas.

No vale-tudo da sedução as armas, desde as mais prosaicas como flores, chocolates e serestas, às mais sofisticadas e contundentes como presentes caríssimos (Elizabeth Taylor adora brilhantes), funcionam como elementos fatais para a consecução do intento, dentre outras artimanhas que os verdadeiros conquistadores não revelam. Para o verdadeiro conquistador(a) literalmente não há barreiras e aliás, se existirem, quanto mais difíceis forem, mais excitante tornarão o objeto da conquista.

Há aquelas pessoas que centradas no poder da própria figura entram numa paranóia em que predomina o jogo de seduzir apenas pelo prazer que o próprio jogo proporciona descartando um após o outro os “objetos” conquistados. Triste e vazio jogo.

Pensando bem, talvez muito mais difícil do que conquistar o mundo seja conquistar e reconquistar, a cada dia, aquilo e aqueles que estão ao

seu lado, que conhecem as suas fraquezas, suas qualidades, suas incapacidades, suas forças e probabilidades de superação ante as intempéries. Seduzir esse pequeno grande mundo que está ao seu redor na família, no trabalho, na amizade, na relação amorosa, é sem dúvida um desafio maior do que mirar um só objetivo a ser conquistado e tudo fazer por ele, até o impossível!

A vida é uma deliciosa e interminável sucessão de conquistas e seduções. Vale a pena encarar essa parada que não tem o elã de uma Cleópatra, a astúcia de um Casanova, o *glamour* de uma Gisele Bündchen mas que incita, nas mínimas coisas, você a vencer e degustar com humildade e sabedoria cada pedacinho da credibilidade, do afeto e do sucesso conquistado na tarefa de cumprir seu tempo aqui na esfera terrestre.

Se a sedução é um privilégio genético, se é construída com inteligência e arte, se é um domínio de poucos, não importa, pois a maior parte dos grandes sedutores não obteve a lição simples da chamada felicidade.

As maiores e mais difíceis conquistas não estão nos anais históricos nem nas grandes películas e muito menos na mídia; estão, sim, nos corações silenciosos que sabem valorizar aquilo que têm nas mãos.

* * *

Reginaldo Alves de Araújo

Reginaldo Alves de Araújo nasceu em Itabaiana (PB), em 1946. Professor. Fundador da Associação dos Novos Escritores e do jornal Arauto. Autor de, entre outras obras, SAGA PANTANEIRA, FUTEBOL, UMA FANTÁSTICA PAIXÃO e BALUARTES DO FUTEBOL CAMPO-GRANDESE. Ocupa a cadeira n. 21 da Academia, de que é vice-presidente.

Frei Gregório de Protásio Alves Um homem de Deus em Campo Grande

Eleição para a Academia de Letras

A passagem luminosa de frei Gregório como vigário-cooperador (1984-1994) na cidade de Sidrolândia teve repercussão extraordinária no seio da população local com reflexo na Câmara Municipal que, de forma inédita, por unanimidade, ofereceu-lhe o título de Cidadão Sidrolandense, na gestão do prefeito Daltro Fiuza.

Voltando para a querida paróquia de N. S. de Fátima, em Campo Grande, dedicou parte de seu tempo à nobre arte de escrever. Já com quase dez livros publicados, servindo de exemplo para os sacerdotes e escritores locais, foi eleito para a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, cadeira n. 9, anteriormente ocupada pelo dr. Hugo Pereira do Vale.

A posse do Frei Gregório ocorreu no dia 15 de julho de 1988, no Centro Cultural de Campo Grande que ficou completamente lotado, principalmente pelos líderes da Igreja Católica e os integrantes da comunidade da paróquia de N. S. de Fátima. O novo imortal foi saudado pelo acadêmico Padre Ângelo Jayme Venturelli, que, em seu discurso, o

comparou ao bíblico Davi (Frei Gregório tem, no registro de nascimento, o nome Davi Bonatto), “um extraordinário poeta”.

“Para ser poeta não basta alinhar versos. Muitos os fazem, ou pensam de fazê-los, e não são poetas. A verdadeira poesia não é só rima e métrica. É criação, como o étimo da palavra grega sugere. É a arte e a técnica de comover, de suscitar emoções, sentimentos, fantasias, levando a realidade do cotidiano aos mais altos píncaros do Parnaso das mitológicas Musas. Esse Davi é frei Gregório que toda Campo Grande e Mato Grosso do Sul conhecem, desde 1956. É o poeta que enriquece seu labor literário com melodias alegres e comovedoras. Baste lembrar suas composições *Berro do Boi* e *A Flor Campo-Grandense*, gravadas recentemente. Como Davi foi Rei e chefe. Implantou em nossa terra o reino da devoção à N. S. de Fátima, cuja igreja paroquial construiu.

Ilustre Davi Bonatto, querido Frei Gregório: abrimos-lhes nossos braços num amplexo carinhoso e cordial e o nosso coração repleto de sua bondade, seu carisma, sua surpreendente comunicabilidade e simpatia. Entre para uma imortalidade mortal, já que a verdadeira imortalidade é aquela apontada pelo imensurável Santo Agostinho: *Quod aeternum non est, nihil est* (Aquilo que não é eterno, não é nada)” – finalizou o Padre Ângelo.

Em seguida, foi lido o termo de posse e entregue a frei Gregório, pelo arcebispo de Campo Grande, Dom Vitório Pavanello, o diploma de sócio efetivo da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, assinado pelo presidente Elpídio Reis.

Depois, frei Gregório pronunciou seu discurso de posse, do qual se destaca o seguinte: “Sou filho de camponeses de condição pobre, moradores no interior do Estado do Rio Grande do Sul, que lutaram como heróis para conseguir pagar os meus estudos e me verem ingressar na filosofia, na teologia e finalmente, vitorioso, subir os degraus do altar. Como sacerdote e simples missionário, implantei, na medida do possível, a semente do Evangelho: paz, amor e justiça entre grandes e pequenos, pobres e ricos, brancos e pretos; entrei tranqüilamente em mansões de todo o conforto, como em casas humildes, em tugúrios, em favelas, em toldos de índios, procurei nunca plantar espinhos para poder andar descalço e tranqüilo. Apoiado em Deus e no vosso entusiasmo e calor humano, tudo farei para não estremecer a confiança em mim depositada.

Ocuparei confiante e alegremente a distinta cadeira n. 9, ocupada pelo meu antecessor, o ilustre amigo de outrora, Hugo Pereira no Vale, um médico humanitário em pleno sentido da palavra, um respeitável bacharel em Direito, um primoroso escritor e poeta”.

A inauguração da matriz

Finalmente o memorável dia chegou. Jubilosos cânticos eclodiram na culminância maior da colina do Monte Líbano. Uma multidão de fiéis festejou a entrada triunfal do fantástico baluarte da construção da Matriz de N. S. de Fátima, o arrojado frei Gregório, acompanhado do bispo diocesano, D. Antônio Barbosa, de uma dezena de freis capuchinhos e inúmeros seminaristas diocesanos no tão esperado templo dedicado à adorada Santa de Fátima para a celebração da missa que dava início aos festejos de inauguração da suntuosa obra-prima da Igreja Católica na cidade de Campo Grande.

O calendário apontava o dia 13 de maio de 1974. A comunidade católica do sul de Mato Grosso, no centro-oeste do Brasil, estava em festa. Os devotos da Santa eram tantos que o bairro Monte Líbano transformou-se numa cidade. Muitos ficaram no pátio da Matriz, pois dentro não havia espaço para mais ninguém. Lá fora espocavam os rojões e a música sacra de celeste suavidade, fluindo dos potentes alto-falantes da torre da Matriz, embalava os corações dos devotos, dotando-os de uma alegria contagiante.

No interior do templo, postado do lado direito de D. Antônio Barbosa, diante do altar da Santa, em pleno andamento da missa, frei Gregório correu os olhos em derredor e viu, além da multidão de devotos, a presença dos festeiros e festeiras que dirigiram as quermesses cujos fundos se destinaram à construção da Matriz. Ali estavam também a fraternidade dos fazendeiros e irmandades do Apostolado e Vicentinos.

D. Antônio Barbosa, que tivera a honra de abençoar a pedra fundamental, em 1964 (dez anos antes), após a celebração da Santa Missa, inaugurou solenemente a Matriz de N. S. de Fátima. Com a aspersão da água benta, novos rojões espocaram no ar, a multidão eclodiu em vivas ao poderoso Deus e à Santa de Fátima e assim foi abençoada a casa de N. S. de Fátima, na gloriosa data de 13 de maio de 1974, justamente dentro dos dez anos de construção planejados.

O encerramento da solenidade foi apoteótico. Momentos de alegria estreitavam-se em longos e fraternos abraços. O regozijo era geral nos rostos dos presentes. O canto “Parabéns a Você” ecoou no interior do templo, evadiu-se para o pátio e reboou em todos os quadrantes do bairro Monte Líbano, com o bater compassado das palmas, numa cena jamais vista nas comunidades católicas do lugar até então.

Muitos fiéis, com os olhos marejados de lágrimas, apontavam os dezoitos vitrôs altos e largos com impressos, lembrando o milagre do sol, do dia 13 de outubro de 1917, em que mostrou ao mundo o poder e a presença de Deus. Outros, orgulhosos, observavam os cento e cinqüenta bancos doados por eles, cujos nomes estavam escritos num quadro à parte. Entretanto o encantamento maior da multidão centralizava-se na imagem de N. S. de Fátima, de puro cedro brasileiro, artesanato de Guilherme Thedin, vinda de Portugal em 1951, sendo entronizada no altar simbolizando a padroeira do templo inaugurado. Quantos derramaram lágrimas ao verem os quatorze quadros da Via-Sacra, colocados na parede em volta da Matriz e que foram oferecidos pelos próprios devotos. O altar feito de mármore branco com o piso também de mármore, com cores diferentes, prendiam os olhos de consagrados fiéis.

Outra doação oferecida por particulares e muito aplaudida foi a escadaria para entrar no templo, circundando a frente da igreja, de seis degraus, perfazendo trezentos metros de extensão.

Após a grande cerimônia de inauguração o povo continuou festando, com a presença de frei Gregório, com churrasco e bebidas, no salão paroquial, até altas horas da noite. Estava assim inaugurada a aspirada Igreja de N. S. de Fátima, chamada, por muitos, a “Garça Branca do Monte Líbano”.

Sacerdócio em Sidrolândia

No dia 15 de março de 1984, aos 73 anos, vendendo saúde, frei Gregório, obedecendo à Ordem Superior dos Capuchinhos, seguiu para a cidade de Sidrolândia (MS), onde passou a exercer o cargo de diretor espiritual e vigário-cooperador da Igreja de Nossa Senhora da Abadia, substituindo frei Daniel Lagni, que viajou para Roma com a finalidade de completar seus estudos de aperfeiçoamento ministerial.

Dirigia a paróquia o consagrado frei Alfredo Sganzerla. O pároco o recebeu gentilmente e, com extremo cuidado, fez uma amostragem do avanço material e espiritual do catolicismo no município. O frei campo-grandense também teve a alegria de abraçar frei Antônio Castagnera, seu velho amigo e atual diretor do seminário capuchinho da região.

Ali frei Gregório, durante dez anos, serviu a Deus e ao povo ordeiro de Sidrolândia, cidade distante de Campo Grande cerca de 60 quilômetros. Nesse espaço de tempo o nosso herói realizou milhares de cerimônias religiosas como missas, batismos, casamentos, extrema-unção, enterros, novenas e inúmeros sermões. A amizade dele estendia-se também aos sítios, fazendas, vilarejos e assentamentos do município pregando para os menos favorecidos em capelas existentes ou no pátio do casarão dos fazendeiros. A paróquia de N. S. da Abadia tomou um novo alento e o povo sidrolandense gozou. A partir de então, um novo e ditoso “tempo espiritual”. A sanfona prodigiosa de frei Gregório era de uma utilidade extraordinária. Por onde passava, em suas andanças religiosas, tocando e cantando nos eventos, multidões eram induzidas a louvarem a Deus e aos santos da Igreja. Logo formavam-se conjuntos, com instrumentos e vozes, tanto na sede da paróquia como nas comunidades dos distritos fazendo com que as missas e as festas de N. S. da Abadia fossem ilustradas e ganhassem inúmeros adeptos.

Três anos depois, isto é, em 1987, frei Alfredo Sganzerla, após contribuir com o progresso espiritual da comunidade católica local, é designado para servir em Roma deixando a liderança da paróquia nas mãos do dinâmico frei Rodolfo José Bianchi, vindo de Goiás. Eram seus fiéis cooperadores frei Gregório e frei Antônio Castagnera. O novo pároco de Sidrolândia revelou-se um novo profeta de Deus na evangelização, nas visitas às famílias, na formação dos casais, no atendimento aos pobres e doentes. Com o entusiasmo do novo vigário e seus cooperadores a comunidade local decidiu, com uma ativa comissão montada, derrubar a velha igreja e construir uma ampla matriz em louvor de N. S. de Abadia. Nessa hora a excepcional experiência de frei Gregório valeu muito, associada ao dinamismo de frei Rodolfo e à vontade incontida do povo sidrolandense; anos depois erguia-se deslumbrante, no centro da cidade, a esplendorosa Matriz de N. S. da Abadia, uma das mais belas igrejas do Estado de Mato Grosso do Sul.

A passagem de frei Gregório em Sidrolândia foi ricamente abençoada pois, além do trabalho sacerdotal, participava, com jovens músicos, do programa radiofônico “Hora da Prece”, na rádio Pindorama, com músicas sacras e mensagens lidas extraídas do Evangelho. Também foi lá que escreveu os livros A INVERNADA, N. S. DE FÁTIMA, O PADRE ANCHIETA e o mais comovente e importante SIDROLÂNDIA – HISTÓRIA DOS PIONEIROS, fazendo com que a cidade o amasse para sempre.

Quando voltou, em definitivo, para Campo Grande, em 1994, com 83 anos de idade, deixou Sidrolândia jubilosa e agradecida pelos dez produtivos anos de intensa vida religiosa dedicada a uma comunidade que tanto o amou e continua a amá-lo.

O teatro de Orlando Mongelli

Muitas foram as fontes, de inesgotáveis recursos, para a construção da Matriz de N. S. de Fátima, da Casa Paroquial, do Seminário dos Capuchinhos e do Salão Paroquial no bairro do Monte Líbano. De todas a que mais cativava e fascinava os jovens era, indubitavelmente, o teatro.

Frei Gregório deu graças a Deus quando estabeleceu uma excepcional amizade com o professor e teatrólogo Orlando Mongelli que, naqueles idos, fixou residência no ainda inabitável Monte Líbano, mais precisamente na Rua Fagundes Varela, pertinho do local da igreja em construção. Católico praticante, de boa índole, casado com a bela professora e atriz Alzira Garcia Pereira, o simpático Orlando abraçou a idéia de angariar fundos para a paróquia de Fátima convocando, com entusiasmo, moças e rapazes no intuito de compor uma formidável companhia de teatro do lugar, tendo como finalidade destinar toda a verba ganha nas apresentações às obras das projetadas e executadas pela paróquia, sob o comando do conceituado frei Gregório.

Orlando Mongelli acertou na mosca. As apresentações realizadas tanto na capelinha ou nas dependências da Matriz e até mesmo ao ar livre, tiveram um sucesso estrondoso. Além das peças compostas e montadas pelo teatrólogo, sempre muito aplaudidas, havia as célebres declamações de Alzira Garcia, que, de forma emocionante, arrebatava o público enfeitando-o com gestos encenativos e trejeitos mirabolantes, próprios de uma artista de primeira grandeza. Frei Gregório aplaudia

longamente, juntamente com a multidão. Ele ficava mais feliz ainda quando, no final das apresentações, o próprio Orlando Mongelli, contando as notas e moedas, entregava-lhe toda a renda obtida da bilheteria. O teatro implantado naquela ocasião (finzinho da década de 60), indiscutivelmente, transformou-se numa das maiores bênçãos para a paróquia de Fátima.

O professor e teatrólogo Orlando Mongelli nasceu na cidade de Aquidauana (MS), filho de Luís Mongelli, um talentoso músico italiano (autor da música do hino oficial de Aquidauana) e de Henriqueta Mongelli (nascida em Miranda, MS). Como estudante em Aquidauana Orlando destacou-se como uma das maiores inteligências do ginásio local. Foi escolhido para ser o orador dos formandos da turma de 1948. A família percebeu que Aquidauana era pequena para ele, então o mandou para a cidade de São Paulo onde, com brilhantismo, concluiu os cursos de teatro, maquiagem, clássico, taquigrafia e organização manual de trabalho.

Em 1963, convidado, assumiu a chefia de gabinete da Prefeitura de Campo Grande (MS). Demonstrando eficiência, um ano depois, passou a ocupar a Secretaria de Administração e, dois anos depois, já era o secretário de Educação do município. Também foi diretor da Escola Municipal Arlindo Lima. Foi a partir de 1968 que Orlando Mongelli decidiu dedicar-se ao teatro e ajudar, com o seu grupo teatral, ao andamento das obras da paróquia de N. S. de Fátima, motivado pelo avanço do catolicismo na cidade e pelo companheirismo ao estimado frei Gregório.

Hoje, quase quarenta anos depois, o festejado Orlando continua morando na mesma casa da Rua Fagundes Varela, assistindo as missas na Matriz que ele ajudou a construir, no agora habitado e nobre bairro do Monte Líbano.

A cobertura da matriz

Enquanto as obras da Matriz de N. S. de Fátima avançavam ano a ano, o comandante da construção, frei Gregório de Protásio Alves, não media esforço para fortalecer outras comunidades católicas na cidade de Campo Grande. Além do memorável serviço prestado no erguimento de igreja da Santíssima Trindade da Vila Progresso, o destemido missionário voltou seus olhos para o bairro da Vila Carlota onde, com dificuldades, os fiéis assistiam missas celebradas no centro do bairro, numa cobertura

de ônibus, que todos chamavam de Taturana. Nela muito mal cabiam o padre celebrante e uma mesinha para colocar os apetrechos necessários para o ato religioso. Quem muito celebrou missa na vila Carlota, além do nosso herói, foi o consagrado capuchinho frei Luís Maria de Tomás Flores.

Logo que a Matriz em construção favoreceu, com segurança, a realização de todos os eventos religiosos da Paróquia de Fátima, frei Gregório, de imediato, cedeu todo o madeiramento da capelinha de Fátima para a construção da tão sonhada Igrejinha da Vila Carlota. Hoje, trinta e um anos depois, a capela de Nossa Senhora Aparecida da vila Carlota é a atração maior dos fiéis, onde missas continuam sendo celebradas, realizações de novenas e festas dos santos e ponto de encontro da comunidade local para atendimento de entidades carentes. Esta é mais uma obra missionária do capuchinho frei Gregório.

A cada ano que passava notava-se, a olho vivo, o aumento de diversos metros de alvenaria na prodigiosa construção da Matriz. O frei trabalhava em várias frentes para conseguir recursos e não deixar a obra parar. Contava com a ajuda extraordinária dos fiéis e honrados festeiros, homens que Deus colocou nas mãos do nosso herói como verdadeiros atalaias no fortalecimento do real propósito de inauguração de um templo em louvor a N. S. de Fátima, no bairro Monte Líbano.

Chegou-se, finalmente, em 1971, ao ponto de ver-se a Matriz na sua cobertura com telhas de alumínio. Logo os construtores perceberam que facilmente a chuva e o vento, com maior ou menor intensidade, provocariam insuportáveis barulhos. Então frei Gregório, prevenido e atento, mandou buscar na cidade de Caxias do Sul (RS), o forro de imacrite, uma produção especial, forro este composto de maravalhas e cimento bem prensado, em forma de pequenas tábuas.

Além de ser vistoso e bonito, o forro tinha a grande vantagem de ser resistente ao calor, principalmente ao mormaço do sol, e de não permitir o aparecimento de goteiras. Frei Gregório deliciava-se ao contemplar as paredes já na altura de nove metros e meio, dando oportunidade ao sonho de uma nave espaçosa, livre de colunas, arejada e com muita claridade. – “Como o Senhor é bondoso para com seus filhos...” – disse baixinho o frei.

* * *

José Pedro Frazão

José Pedro Frazão nasceu em Belém (PA), em 1955. Reside em Anastácio (MS) desde 1980. Professor e jornalista. Suas obras mais importantes: *NAS ÁGUAS DO AQUIDAUANA EU ANDEI* (romance ecológico, 1999) e *TUIUIÚ MY BROTHER*. Ocupa a cadeira n. 29 da Academia.

O guia de cego

O trem chiava veloz, sobre os trilhos da Madeira-Mamoré.

Gilberto e seu avô Mariano, sentados toscos sobre um saco encerado onde levavam tudo o que lhes restara da tragédia, conversavam tristemente, ignorando os motivos que tornaram o rio Madeira assim tão bravo e destruidor, mais do que nas enchentes anteriores.

– Vô, pra onde nós vamos?

– Num sei, talvez prum lugar menos azarado que este – respondeu o velho, Tateando, com as mãos trêmulas, o braço do garoto.

– E a nossa barraca, vô! Por que a enchente levou ela?

– Sei lá... Pra se daná por aí, como Deus qué. Mas liga não, meu filho, come tua pupunha e descansa. Mania essa de perguntá! Teu pai era assim, como padre que confessa. Dorme!

Gilberto quietou-se, engolindo a fala e as idéias dos seus nove anos de mundo-pobreza. Mariano disfarçava seu tique nervoso balançando um avariado prato de esmalte, para adquirir alguma esmola dos passageiros que viajavam no mesmo vagão de carga da Maria Fumaça. Suas mãos cadenciavam qualquer ritmo, soando moedas, enquanto afinava, a tosses de guariba, a garganta, para improvisar algumas trovas:

Ó meu povo ribeirinho,
Conterrâneo, amigo meu,
Uma esmola pro ceguinho
Dai-me pelo amor de deus!

Quem vai para Guajará,
Quem vai para Porto Velho,
Se uma esmola me dá,
Juro que não fica velho.

Vou pra Guajará-Mirim,
No sacolejo do trem,
Cantando afastado de mim
A saudade de Belém!

O ambiente tornara-se alegre, apesar das lágrimas que teimavam em brotar no rosto engelhado do cantador. Enquanto isso, já acostumado às cantorias do velho – que sempre rendiam bons lucros –, Gilberto estava a dormir, como sempre. Naquela manhã, embebedado pela mistura de vozes roucas do trem e do avô, o menino sonhou que era o Presidente da República. Ele visitava obras do dique que mandara construir na Baixa União para conter as enchentes que deixavam tantas famílias desabrigadas. O Presidente Gilberto estava tão preocupado com aquele bairro pobre, que transferira para lá a sede do governo, construindo um palácio presidencial flutuante sobre as águas do Madeira.

Em uma de suas visitas aos flagelados, que se abrigavam em barracos de lona e em vagões de trem, Gilberto ouviu o clamor de mulheres e crianças e então ordenou ao seu único ministro, que era o seu avô Mariano, para que tomasse providências e tirasse o povo daquela situação de penúria. Mariano era o ministro geral, capaz de resolver tudo; sabia muito da vida e tinha a visão mais perfeita do mundo.

Certo dia, então, o Presidente estava irritado:

– Mariano, você, como ministro, está deixando o nosso povo desabrigado. Não fez nada para impedir as enchentes?

– Excelência, meus olhos não vêem mais. Estou cego. Não posso nem proteger o meu netinho do “dilúvio” que em breve estará arrasando esta cidade!

O presidente conhecia, de ouvido, uma boa simpatia para curar cegueira:

– Então misture óleo de andiroba e de copaíba e passe nos olhos antes do trem apitar três vezes, pois somente assim voltará a enxergar!

Mariano pôs a mão no ombro do Presidente e pediu:

– Guie-me, senhor, até onde está o óleo milagroso!

Gilberto guiava o seu ministro, quando, de repente, começou a ouvir o apito do trem, que se confundia às gargalhadas de um grupo de engraxates que lhe impediam a passagem.

– Saíam da frente, moleques. Não estão vendo que eu sou o Presidente? E que este homem tá cego? E você, Mariano, por que está trocando como esse prato na mão?

Ao dizer estas últimas palavras, Gilberto estava acordando e depa-rou-se com a realidade. Os passageiros caçoaram dele enquanto o menino se encolhia de vergonha.

– Esse curumim anda tendo uns sonhos esquisitos! – falou o cego Mariano, desculpando-se.

A viagem chegara ao seu final. A folia também acabava ali, na estação de Guajará-Mirim, mas estava gordo o prato de esmolos. O velho sentia o peso das moedas e sorria. Todos se sentiam seguros, mas com um problema em comum: reconstruir a vida.

Gilberto sentiu novamente o peso da mão do avô no seu ombro direito e infiltrou-se com o reboco pela multidão, até achar um lugar ideal para se acomodar, reiniciando a luta contra o desprezo, a fome, o sofrimento.

Estavam numa cidade estranha, fronteira do Brasil com a Bolívia. Gilberto sabia disso porque ouvira da professora em um dos poucos momentos que freqüentou a escola municipal em Capanema, antes de seu pai morrer, deixando-o com o avô. Ainda lhe eram frescas as lembranças da boa vida paraense que levava antes de viajar para Porto Velho com o avô Mariano. O velho, pra sustentar o neto, tentava a sorte nos garimpos de ouro do rio Machado, quando, num acidente de trabalho, perdeu completamente a visão.

As moedas que a cantoria ganhou no trem mal deram para a primeira refeição. E pelas ruas mais movimentadas seguiam os dois: pára aqui, pára ali, pede cá, pede acolá. Gilberto se imagina uma pequena locomotiva a puxar um enorme vagão. Compenetrado, apita, baixinho, com a boca, sonhando acordado. Nesses momentos é feliz, porque brinca e faz da sua lida um lazer. O velho cuida de outros pensamentos, quem sabe! Olhos fechados, lábios e coração abertos, a sorrir para o seu mundo imaginário.

Cansado e pensativo, já num confortável calçadão, enquanto Mariano trova para atrair moedas, Gilberto novamente adormece sobre o

sapicua. Mergulhou em uma das poucas coisas que lhe dá alegria: o seu repertório de sonhos. Sonhou que sabia ler e escrever muito bem e que frequentava uma linda escola, onde seus colegas de classe eram os seus antigos amiguinhos flagelados da cidade de Iona da Baixa União. Neste sonho, Gilberto tornou-se um famoso escritor e poeta de cordel, que vivia arrancando aplausos nas feiras, praças e cinemas de Belém – que antes só conhecia de nome. E assim, pôde ganhar muito dinheiro e tirar o seu avô das ruas, levando-o para uma clínica de cegos onde recuperou sua visão.

– Estou enxergando, Gilberto! Estou vendo você!

– Sim, vovô, é verdade. Bem que o senhor falou que Deus existe!

– Puxa, meu netinho, parece até um daqueles teus sonhos malucos. Mas vejo de verdade. Como tu tá grande, menino! Tô orgulhoso de ti – dizia Mariano, com os olhos percorrendo admirado o rapaz que desde pequeno tinha sido a sua luz.

– É, meu velho, agora você não precisa mais pedir esmolas; eu cresci, sou famoso e posso lhe dar uma vida melhor.

Em comemoração ao milagre, Gilberto deu uma grande festa para toda a população de Belém, onde reencontrou todos os seus parentes e amigos de infância. Porém, em meio às comemorações, acordou do sonho e se viu cercado de policiais, enfermeiros, médicos e uma multidão de curiosos, em pleno centro de Guajará-Mirim. Pelas frestas da multidão pôde ver quando removiam o corpo do seu avô, caído na rua. As perguntas que lhe faziam também lhe revelavam que o cego havia sido atropelado e morto. Diziam que o velho tentava apanhar um pratinho de esmalte que algum moleque lhe arrebatara da mão. Gilberto arrependeu-se profundamente de ter dormido enquanto o avô trabalhava. Se estivesse em vigia não teria acontecido aquilo, teria enfrentado os trombadinhas, pensava intrigado.

Ainda refletia sobre a morte trágica do avô, quando foi novamente despertado, desta feita, por uma voz bastante familiar:

– Acorda, Gilberto, tá na hora do café. Esqueceu que temos viagem marcada?

Gilberto pulou da rede, esfregando os olhos com o dedo. Olhou para os quatro cantos do barraco de Iona e logo percebeu que estava voltando de uma confusa noite de devaneios. Suspirou fundo e, sem espreguiçar-se, olhou novamente assustado para o avô cego que o espreitava sorrindo, na outra rede. Certificou-se da realidade e falou, chorando de alegria:

– Vô! Então o senhor não morreu. Nem saímos daqui de Porto Velho. Eu ainda tenho nove anos. Que bom ser criança! Que bom está contigo, vô!

– É, Gilberto – retrucou pacientemente o cego Mariano –, não sei como um garoto tão novo como tu passa o dia inteiro sonhando.

– Eu sou mesmo um sonhador, vovô. Eu sonho até quando tô sonhando!

O menino prosseguiu, pensativo, falando em voz alta: – Então a enchente e a viagem de trem foi tudo um sonho e o nosso barraco não foi levado pelas águas...

– Que história é essa, menino! Pega a lata de água e lava essa cara. Põe as tralhas no saco de viagem, embrulha essas pupunhas pra gente levar, pega rápido o meu prato, senão a gente perde o trem. Droga dessa enchente, que não pára de subir!

Nota. Este conto foi classificado entre os onze vencedores do “XI Concurso de Contos da Região Norte”, promovido em 2003 pelo Núcleo de Arte da UFPA, com a participação de escritores dos estados do Pará, Amazonas, Rondônia, Acre, Amapá, Roraima e Tocantins, estando publicado na Antologia “Os onze contistas da Amazônia.”

Visão de futuro

Município de Taunay, 19 de abril de 2010.

Excelentíssimo Leitor:

Estou em Taunay, terra de índio bom. O lugar é paradisíaco. Portal do Pantanal, coração verde do planeta, recanto dos encantos sul-mato-grossenses.

Aqui, a grande Nação Terena se restabeleceu, reencontrando seu nicho sagrado, plantando em terra fértil sua cultura tantas vezes ameaçada de extinção. Tornou-se o primeiro município indígena do Brasil, não apenas para resgatar a sua dignidade pátria afligida desde as entradas e bandeiras, mas para ajudar o país a reconhecer o índio como um primogênito. Um filho herói que lutou contra invasores e demarcou com o próprio sangue o território nacional.

Há um ano (em 2009), Taunay empunhou sua lança e bradou ao mundo sua liberdade, lutando, com arco e flechas de sabedoria e sob a égide democrática, para se tornar independente, emancipando-se de Aquidauana do qual era um acanhado distrito, pobre e submisso, discriminado às vezes pela cultura de alguns segmentos não-índios. Agora, imponente, promissor e maior centro de atração turística do Estado, Taunay é o município mais visitado do Brasil, por diversas comunidades do mundo. Sem desfigurar as características nativas das aldeias, algumas universidades, juntamente com órgãos governamentais e não-governamentais e organizações internacionais ligadas ao meio ambiente e aos direitos humanos, transformaram Taunay num verdadeiro laboratório de turismo e de pesquisa sobre a origem do homem na terra.

A sede do município terena está em festa, porque hoje, 19-4-2010 (segunda-feira), se comemora o seu primeiro aniversário de emancipação político-administrativa. Crianças, jovens e adultos, trajando tangas de puro algodão, com adorno de sementes naturais e penas de ema, trabalham na decoração do Centro de Tradições Terena (CTT); anciãs produzem quitutes de mandioca e uma infinidade de iguarias típicas; flautas e tambores são afinados para acompanhar as danças, entre as quais a tradicional dança-do-bate-pau. Um cocar gigante enfeita a entrada principal da cidade. Logo adiante uma enorme estátua, talhada em madeira, aguarda para ser descerrada. É um busto do Visconde de Taunay que se inaugura junto com a praça do mesmo nome, em homenagem ao consagrado escritor carioca que escreveu *A RETIRADA DA LAGUNA* e *INO-CÊNCIA* e que levou, pela primeira vez ao mundo, através da França, a literatura brasileira e as belezas do Pantanal.

As aldeias de Limão Verde, Córrego Seco, Água Branca, Bananal, Ipegue, Lagoinha, Embiruçu, São José, Morrinho e Colônia Nova, todas estão representadas na câmara legislativa de Taunay e, hoje, prontas para demonstrarem, na festa de aniversário, sua alegria, sua cultura, suas artes, sua produção agrícola. O município é forte produtor agropecuário e tem a maior indústria de peixes de cativeiro do Estado. Mas é além de tudo um pólo turístico rico em artesanato, trilhas ecológicas, monumentos históricos e, ainda, sede das grandes olimpíadas indígenas do país. O povo de Taunay, em torno de doze mil habitantes, é um povo feliz. Não há sequer analfabetos (todos os índios freqüentam escolas e falam duas

línguas – terena e português), com exceção dos guias turísticos, que são políglotas.

Aqui existe o verdadeiro exemplo de desenvolvimento sustentável. A economia é abundante e aplicada com justiça social entre as dez aldeias, suprimindo todas as necessidades básicas da comunidade. A preservação do meio ambiente é palavra de ordem. As casas têm características próprias, rústicas e aconchegantes. As ruas são de chão batido, mas totalmente saneadas. A urbanização é bem diferente das cidades comuns, dando-nos a idéia de uma grande maloca, com muito conforto e bem-estar.

Este é o município de Taunay, um modelo de desenvolvimento e valorização sócio-cultural, que veio contrariar as idéias e os interesses daqueles que não acreditam na liberdade, na inclusão social, na força e na cultura próprias de um povo.

Lamento ter que encerrar esta carta, mas o cheiro desses quitutes toneenses está irresistível, e o prefeito terena (que insiste em ser chamado de cacique) já está na praça do centro cultural, diante do povo e ao lado das demais lideranças indígenas, autoridades brasileiras e francesas, inaugurando a estátua de Taunay.

Uma lua para Abílio de Barros

O espaço livre aos fundos da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, outrora baldio, mas hoje transformado em recinto helênico e aconchegante, por obra e magia do novo Presidente Francisco Leal de Queiroz, viveu seu momento de glória. Foi ali que, na plenilúnia noite de 7 de novembro de 2003, o sodalício deu posse ao acadêmico Abílio Leite de Barros, admirável lente do magistério universitário, pecuarista e exímio escritor corumbaense (autor de *GENTE PANTANEIRA*) que, além de sua iluminada grandeza, tem a sobreeminência de ser irmão do já consagrado maior poeta brasileiro da atualidade, Manoel de Barros.

Enfim aconteceu a tão esperada festa, muitas vezes protelada pela própria timidez do diplomando, cuja aversão à notoriedade se atribui a “doença de família” (o irmão Manoel se confessa, feito caramujo, avesso à imortalidade literária). Esta valiosa aquisição eleva sobremaneira a nossa augusta Casa de Letras e honorifica a cadeira de n. 32, tão dignificada

pelo patrono Weimar Torres e pelos seus dois únicos e anteriores ocupantes: Aldo Queirós e Eduardo Machado Metelo.

O orador da noite, o não menos ilustre desembargador Heliophar de Almeida Serra (irmão do fundador da Academia, saudoso Ulisses Serra, autor de CAMALOTES E GUAVIRAIS), ao saudar magistralmente o homenageado, trocou olhares confidentes com Artêmis, que nos espreitava do céu aberto, e anunciou, de intróito: “Até a lua, que não foi convidada, já chegou”. Naquele instante, a musa dos poetas, que já se derramava lânguida sobre o modesto “Academus” da Rui Barbosa, não se conteve em sua órbita de emoção e veio debruçar-se nas cercanias da solenidade, arrebatando-nos a todos, com sua irradiante e sensual beleza, visivelmente enamorada. Até que a fala calma e erudita do novo imortal nos levou por uma viagem de profunda reflexão, orbitando da Grécia antiga ao mundo atual de pouca melhoria humana. A platéia em transe flutuava doirada de lua e de celebridades, pois dela já fazia parte a irmã de Apolo, que se encostara ao muro da Academia, donde emanava mais forte seus raios e degustava conosco as lições de Abílio desfilando Platão, Sócrates, Marx, Freud, ciência, religião, política, filosofia, literatura e suspiros poéticos.

No auge da festa, inebriado pelo esplendor de Artêmis e com a íntima permissão de Baco, que reinava em nosso coquetel, aproximei-me da bela intrusa para cortejá-la antes que se evolasse no céu campo-grandense. Só então percebi, triste e enciumado, que naquela noite, véspera de seu eclipse, a deusa do crepúsculo já tinha escolhido um imortal para a sua lua-de-mel. O lascivo astro dourado descera para unir seu fulgor ao da Estrela Abílica, que se alinhara, naquele instante, à constelação acadêmica.

Foi assim, sob o luar, que a Academia imortalizou um Barros. Foi assim que Abílio ganhou uma cadeira que ganhou Abílio que ganhou uma lua.

* * *

Lucilene Machado

Lucilene Machado Garcia Arf nasceu em Terra Rica (PR), em 1965. Professora universitária. Publicou: PLÂNTULA (poesia); O GATO PERNÓSTICO (infantil); COISAS DE MULHER e FIO DE SALIVA. Ocupa a cadeira n. 36 da Academia.

Vinho tinto

Da boca do homem escorreram frases raras. Perfeita masturbação da língua. Nenhum defeito semântico na combinação. O verbo, que tecia o fio condutor, estava no presente do indicativo, tempo das verdades universais. Seria um poeta?

Ela suspirou, profundamente, e ajeitou-se na cadeira – havia uma inquietação em seus movimentos – sentindo as frases subir-lhe ao cérebro em espirais e promover caracóis em sua cabeça. Se olhasse firmemente nos olhos dele, cairia em êxtase.

A mulher de olhar úmido estava desconcertada. Há muito, não alimentava os desejos que agora duplicavam e reduplicavam. No rodopiar da conversa, a imagem casta de um pensamento antigo dilatou sua íris e um pequeno radar detectou o perigo. Súbito uma bifurcação: acolher as palavras ou remar contra a ternura? O olhar negro apalpava seu corpo. Formigação de imagens e possibilidades. A vida é feita de escolhas, e ela, apesar de resistente, sempre cedera ao amor. Talvez por isso, os olhos úmidos banhados por uma lágrima que não escorre. Diante das circunstâncias, preferiu proteger-se do olhar com força de laço.

Levantou-se com dificuldades como se o corpo fosse uma grande montanha onde pesam as escolhas. Na boca, um último gole de vinho para ingerir a insatisfação. Ele não insistiu para que ela ficasse. Teve esta oportunidade quando o lenço de seda esvoaçante, empurrado por um vento invisível, escorregou de seus ombros, mas não o fez. Sem demonstrar

o ressentimento, ela sorriu com todos os dentes e arrastou o destino como se arrasta um fardo.

Caminhou pelas ruas com um lento desejo martelando o corpo. Se ao menos ele percebesse, se ao menos adivinhasse o porquê de seus olhos difíceis e aparecesse em sua frente com um botão de rosas, ou lhe tomasse a mão e andassem pelas ruas em meio a sirenes, músicas, risadas... Incorreriam no ridículo? Absolutamente. Nada pior do que não ser correspondida. Nada pior que a distância afastando dois corpos que podem não mais se encontrar. Ele não moveu os pés do lugar. Individualista que era. Nem deve perceber que a terra gira. Como pôde supor que ele fosse um poeta? Deve ser um ilusionista. Sincero na arte de iludir. Depois a magia se desfaz e resta você com aquele complexo de imbecilidade.

Mas, e se fosse de fato um poeta? Tivesse a capacidade de esticar o tempo, amor agudo em sustenido ultrapassando todas as barreiras... talvez inventasse uma música para ela, uma música que dobrasse seu dorso e lhe arrancasse todos os beijos possíveis e etc., e etc., atitudes demasiadamente conhecidas para que valha a pena descrever.

Suposições! Não poderia encaixá-lo nesse perfil. Um homem com essa sensibilidade conheceria as regras femininas. Sair quando se quer ficar, é regra antiga. Não, não devia pensar assim, ela é que era hipócrita, carregava aquele coração intrincado e cheio de remendos. De que adiantou recolher o corpo se o espírito persistia em permanecer diante da luz amarela dos olhos dele?

Da boca da mulher, não escorria o verbo fácil da compreensão. O tempo era mais que perfeito, mas nenhuma conjugação profética, nenhuma promessa a se fazer sentença. Era movida por uma ciência estranha, próxima e distante. Elegante escultura de concretagem fria e, acrescente-se a isso, beleza na medida exata. Aproximava-se das deusas, em seu encanto, fêmea de traços redondos e olhos afastados. Seria uma aventureira? Uma implacável aventureira de lábios cruéis? Que fosse! Correria o risco, inclusive o de ser esculpido pelos elípticos caprichos dela.

O tempo breve para se apreciar uma garrafa de vinho, foi o tempo que o homem teve para observá-la. Os lábios tingidos de um rosa-gerânio poderiam ser indícios de paixão vindoura. Poderia ser o vinho tinto, poderia não ser. Mas nada, nem voz embargada, nem tremor de mãos a denunciava. Talvez estivesse acostumado a mulheres que jogam o cabelo para trás,

deslizam as mãos pela mesa como se estivessem procurando um lugar no mapa e, subitamente, as pontas dos dedos se tocam. Depois, os dedos dele fariam o caminho inverso, procurando algum lugar no mapa da pele dela.

Entretanto, a moça pousava o copo na mesa com segurança e ria-se quase acanhada. O olhar úmido encharcava-se, a água quase chegava as bordas ameaçando alagar todo o rosto, mas como num milagre, o fenômeno das lágrimas não ocorria. Uma leitura difícil de se fazer. Exigia conhecimento científico. E ele empenhado em recorrer a artifícios lingüísticos para ajustar o vocabulário, tendo o extremo cuidado de preservar ambigüidades.

Segundo teorias masculinas, mulheres gostam de frases duvidosas. Ainda assim, quando brotava a voz, supunha-se navegando nas ondas de uma quimera. Tentava retomar o discurso com adjetivos mais ousados, mas por que se resguardava? Um pouco de atrevimento não seria mal algum. Mas, e se ela não acolhesse os significados? E daí?

Dai... ele era forte o bastante para suportar. Bem, naquela idade seria desastroso não prever a reação de uma mulher. Uma rejeição é uma dor. Ela, cada vez sorria menos e tinha a voz mais ligeira. Fingiu não entender algumas vezes, só para vê-la novamente abrir a boca como uma ostra cheia de pérolas, teve vontade de botar o dedo ali, naquela área úmida do mapa. Quase teve o ímpeto, quando o vento soprou nos panos azuis caindo sobre o colo. Gestos desgovernados tentavam encobrir o imprevisível. Hora de cair, num susto, daquela ponte movediça e ferir toda castidade. Mas a maldita mania de viver a vida na exata medida que ela permite, dentro das fórmulas, dentro do correspondido, o impediu.

Ela levantou-se, tomou o último gole de vinho e foi-se. Ainda o olhou firme, pela última vez, como se olha uma noite negra e traiçoeira.

Coreografia invisível

Não sei o que pensam os pássaros quando, nas tardes de sábado, dormem sobre os fios de alta tensão. Os pássaros têm sábados frustrados. Todas as coisas que podiam ter sido, não foram. Também não sei o que pensam os homens enquanto dormem os pássaros pelos sábados adentro. Sei que os homens têm insônia e fecham janelas. Instituem a escuridão,

apagam as palavras e desintegram-se em longos silêncios. As coisas que podiam ter sido? Não têm importância. Em qualquer tempo há fios de alta-tensão e pernas de mulheres com sangue fervendo. Tantas que chegam a ser ignoradas. Despojos do amor? A desproporção criou homens-deuses vulgares e divinizados. Criou profissionais especialistas em argumentação. Braços em torno do pescoço, bocas de estátuas coladas e música para preencher os vazios. Mas o objeto deste texto é o amor. O sujeito também. Amor em construção. Quatro paredes lentas e penosas do lado de cá do horizonte onde pretendo improvisar ninhos e desprender pássaros do sonho.

Mas o tempo urge, razão pela qual me deito, mesmo, à terra. Todas as coisas se revelam e se negam continuamente. Finjo não perceber. Repouso minha cabeça sobre o seio da ignorância. A metafísica rodeia os meus limites. Há coisas se encontrando também fora de nós. A ficção quer escrever minha história. Que imagem faria? Oh! vida, esse tempo desperdiçado dentro do olhar. Minha única tristeza não é triste. Incongruência? Limpe os olhos que este texto tem a loucura da forma. Plasticidade e linguagem. Os literatos, os eruditos e eu, e nada de concreto. Que sabemos sobre os pássaros frustrados sobre o fio de alta-tensão? Somos carentes de amor, sexo e sonhos. Somos carentes de sabedoria. Um dia Deus apareceu homem entre os homens e o crucificaram. Daí meu medo de existir. Daí esse silêncio áspero de Sábado.

Meus conflitos me apequenam. Gritos surdos por dentro. Somente as palavras são capazes de secar as lágrimas. Palavras e dedos. Dedos escalavrados pelo tempo percorrendo traços e linhas do meu rosto. Doce ternura para quem partiu todos os espelhos e já não mais se reconhece. Eu que tenho em mim o movimento dos outros, o conhecimento dos outros, o idioma dos outros, a reação dos outros... eu sulcada pelos outros e estrangulada pelas minhas próprias mãos. Só o amor me salva. Só o amor produz essa lentidão sagrada de observar pássaros cheios de vôos. O amor sabe de cor os vôos e os movimentos. Conhece o lugar, o istmo onde os homens choram. Os homens são belos, sobretudo, quando choram. Homem-mar numa ilha de chuva. Uma imagem onde me completo. Não totalmente. Uma mulher satisfeita traz em si um ponto final. Eu tenho vocação para reticências e excessos. Amanheço e todas as bocas se abrem. Famigerada fome de idealismo. Não nos basta a vida?

O pássaro olha com todos os olhos mas nada avista. Tem os sentidos esquecidos. Esqueceu-se de quem era, de como era... só sabe cantar, cantar. Se respirasse uma idéia, tornar-se-ia gente com todo niilismo inerente. Gente que nega qualquer coisa a qualquer hora. Que nega a palavra, a raça, as idéias... gente que nega a cruz, a história, a colonização... gente que ignora as tardes de sábado quando discretamente um pássaro voa estabelecendo ligações entre as coisas invisíveis.

No silêncio das retinas

Hoje nos deitamos ao mesmo tempo. Há dias em que me deito antes só para ter o prazer de fantasiar, enquanto tu caminhas pela casa e organizas trabalhos dos dias vindouros, disponibilizando tempo para nossos passeios com o cão, nosso olhar estrelas no terraço, cinema, lentas danças, caminhadas pelas avenidas floridas (nosso amor é como cacho amarelo de jasmim), refeições luminosas e tantas outras coisas tão nossas que ninguém saberá senti-las. Depois vem aquela sensação quase infantil de ouvir teus passos se aproximando, sentir teu cuidado ao me cobrir, a ternura doce ao beijar meus cabelos e ajustar-te ao meu corpo, na certeza de não atrapalhar meu sono. E eu finjo, finjo dormir, só para estar desprovidamente entregue aos teus cuidados.

Logo, sinto tua respiração na minha nuca e tento resistir, mas nenhuma promessa de sono seduz mais que o toque do teu pé por baixo do lençol. Uma intimidade que me revira, e eu vou me encostando, me roçando nos teus dedos, corpo manhoso e feiticeiro num jogo secreto de quer-não-quer, vem-não-vem, faz-não-faz... Sinto cheiro de terra, de algas no fundo do mar, noite se desintegrando, átomos dispersos e os calmos despojos do amor. Para sempre as nossas mãos amalgamadas. Para sempre as promessas. Chuvas secretas de teus lábios, és meu, sou tua.

No entanto, em dias como hoje, quando tudo foi premeditado, fica essa desarrumação. Garrafa de vinho embaixo da cama, taça embaixo da torneira, pé de sapato perdido, cadê a roupa? E a gente transpirada, com preguiça de tudo, meio rouca, meio mole... e tu, como um menino, encolhido nos meus braços, transpirando cansaço, sonhando o sonho dos bem-aventurados. Aqui neste quarto tecemos o fio de nossa história. Cada célula é um poema. Amo-te tanto, que tento lembrar uma canção

de ninar para te aninhar no meu abrigo. Amanhã quando as flores se abrirem ao orvalho das pétalas, na hora em que as calêndulas se colorirem com um amarelo-luz e o sol perfurar os telhados das casas e entrar pela nossa janela, tu te levantarás da cama devagar e com olhar de silêncio tocará a porta da minha alma. Sempre ouço a voz do teu coração, mesmo quando ela tem de escalar o vento dos oceanos e esticar-se toda no infinito para me fazer acordar deste sonho.

A propósito da sala

No cerne da vida, uma sala repleta de convidados e visitas inesperadas. Cada um com suas raridades, verdades e mentiras. Há quem faça desse espaço um lugar para grandes expedições. Expedições que terminam em nada. Uma maneira estúpida de matar o tempo.

Também há os que a usam para os grandes discursos. Estes desistem mais rapidamente. Logo ao perceberem que vivo uma crise de retórica, estética, dessacralização e não sei mais o quê. Há ainda os de humores refinados, os criativos, os insistentes, os sensacionalistas e os que querem massificar com suas “genialidades”.

Ouçõ desde as mais possíveis às mais prováveis variantes de linguagem. Diversas respostas de gente perdida num labirinto de conversas. Digo sim, digo não. Teorias absurdas. Gritos deflagrados em cascatas. Cantos graves e agudos. O mundo cabe na minha sala angulosa.

Tudo tão perfeito, tudo tão imprevisível. Estranho universo dentro de mim. Estranhos exercícios de ouvir, esquecer e livrar-me de. Às vezes parece que dizem o meu nome, que desejam conhecer o meu perfume, mas sem um mapa a indicar setas e direções obrigatórias, os ânimos se arrefecem e o que contemplo é um olhar de malmequer sem cheiro ou cores.

Todos os dias tento me livrar dos elementos que fazem minha alma pesada. Desperdiço horas jogando pela janela memórias anteriores. Flores murchas, papéis amassados, raízes que tentam brotar... preciso recompor meu deserto. Preciso sair. “Andar, andar, que um poeta não necessita de casa” – Cecília Meireles me estimula a sair sempre que as quatro paredes vão se fechando.

Hoje quando eu voltei uma voz me invocava. Mas não era exatamente a mim que chamava. Clamava por aquela que fui e – num pretérito

imperfeito – tristemente morreu. A voz tinha o apelo sangrento de quem se deixou ferir por punhal. Trazia na mão uma flor amarela e um riso solitário que crivava meu cérebro. Deixei-o falar por respeito àquela que fui, no que ele debulhou-se num silogismo com todas as premissas. Olhei para as mãos que se perdiam nos gestos. Elas já haviam danificado meu corpo, do mesmo modo que as unhas perfurado os meus pulsos. Um dia, esgotada em minha paciência, cruzei as mãos sobre o peito e morri ouvindo os ecos do silêncio.

Ressuscitei enfim, porém a sala nunca mais fora a mesma. Foram substituídos todos os tijolos. O coração de papel que ornamentava as paredes amarelou no esquecimento. A eternidade dos meus olhos tombou num abismo rasgando o véu da minha retina. Na ficção recolhida nada mais possuímos. Perdemos-nos na aventura fantástica de um texto. Decomposição lírica. As idéias eram sementes inventadas pela solidão. O muro de pedra erguido pelo silêncio congelou os meus ossos. Perdi a razão no abstrato de querer. Não tive nada a dizer. Faltaram-me as palavras. Faltou-me poesia, mais propriamente, o milagre de dar significado às coisas como mar, flores, sol, pássaros... Mas tenho toda a primavera para reaprender. E, como ousou Bachelard, “mais do que paisagem, a casa é um estado de espírito”.

Seqüência de sonho

Por hoje, bastava-me uma garrafa de vinho para embriagar-me. Espírito dionísico para beber um sonho. Mas o cálice da realidade impede-me conquistar a eternidade do céu de uma boca ou de qualquer paraíso feito de suspiros e palavras. A razão não compreende a emoção. Embates e embustes. A paixão vale pelo silêncio que engloba. Vale por tudo que não conseguimos dizer, por tudo que não conseguimos perguntar, porque muitas vezes as perguntas não são possíveis.

Debruço-me sobre o parapeito de uma janela que não me pertence. Nada me pertence. Poucas pessoas no mundo são tão despedidas quanto eu. Tenho uma nudez que fere. Uma nudez que quer ser dividida. É sublime doar um pedaço de si. Uma mutilação que constrói sonhos. Quantos sonhos seriam necessários para desvendar o mistério de um homem? Talvez nenhum. Podem-se desintegrar os átomos de um homem com

atitudes. Com algum impulso de sangue latino podem-se brindar belas descobertas. Mas amor é outra coisa. Amor é o nome que eu persigo e pelo qual me perdi algumas vezes. Fui infeliz em todas as felicidades. Minha alma é uma capela vazia esperando por um anjo. Um anjo cheio de pecados a fazer-me confissões.

A lua rasteja o futuro por caminhos inexplorados. Quero estar suficientemente viva para trafegar com meus sonhos por esses desígnios. Já não estarei confinada num canto do mundo com essa sobrecarga de imagens. Já não estarei precisando pensar, precisando concentrar-me na amarração do texto que toma corpo de crônica. Isso estica minha angústia. Queria pensar sem formas, mas já não posso. Tudo acaba padronizado. O medo de decepcionar, o medo de não ter medo... Toda palavra tem seu preço. Sou vítima de um sistema coletivo de encadeamento de idéias. Até o amor tem suas terminologias. Até o amor tem suas ciências. Mas hoje estou incurável. Quero um amor de botequim. Amor sem pressa e sem causa. É porque é, porque tem de ser. Um amor sem história, acontecendo ao acaso, como se eu nunca tivesse sonhado algo dessa natureza.

De verdade, quando se vive milhares de noites, já não se pode precisar em que noite antiga, muito antiga, se plantou o sonho. Deve ser quando raspei as pernas pela primeira vez, calcei sapatos de salto e todo mundo percebeu, “Essa menina cresceu, tá virando mulher”. Estava concluído um ciclo. Nunca mais voltei ao sótão para brincar de bonecas. Voltei sim, para ver das alturas o destino que subia da terra. O destino tinha corpo e cheiro de homem. Senti vergonha do meu sentimento sem pudor. Vergonha dos meus pensamentos ousados. Meu corpo era um mar que precisava de muitos rios para satisfazê-lo. Era assim mesmo? Puberdade, ouvi na aula de ciências. Só não falaram da necessidade de simbiose de espírito. Mas, instintivamente iniciei a busca pelo amor real. Raramente o vivi por inteiro. Queria alcançar com a mão aquilo que está à altura da inteligência.

Mas essa memória afetiva me cansa! Poderia dizer que hoje estou pronta para o desafio, mas o amor tem viés que desconheço. Mal posso falar da anatomia. Tanta beleza em uma só. Tanto pecado num mesmo pecado. Resgate, remissão... Eros, Ágape, *philia*... gravitar em torno do outro... melhor mergulhar numa taça de vinho e lambar a emoção altruística (ou seria egoística?) de ter escrito esta página.

O lago dos cisnes

Estaciono em frente à escola e fico observando as meninas. Elas são peculiares. Usam batom, têm dentes miúdos, sorrisos frágeis e são doces. Dulcíssimas. Cúmplices de lágrimas e risos. Cumprimentam-se com beijinhos, trocam poemas e escrevem bilhetes carinhosos: “Você é minha melhor amiga”. E desenham uma porção de corações no caderno. E sonham. Como sonham as meninas! Depois caminham com passos curtos e um jeito de moça que sabe que está sendo observada.

As meninas vivem um mundo à parte. Um mundo cor-de-rosa que aos meninos não é dada a oportunidade de conhecer. E eles rondam de perto esse mundo, mas não conseguem penetrá-lo. Elas têm códigos de segurança. Escrevem um diário trancado a sete chaves. E riem de alguns meninos e choram juntas por aquele garoto liiiinnndo da quarta série. E eles, coitados, se empenham, num esforço sobrenatural, para adivinhar aquela língua esquisita do “P”, e quando conseguem decifrá-la, elas já inventaram outra. Inventar é coisa de menina! E uma delas me disse, assim com o chiclete na boca, e um jeito de quem esconde algum segredo, que iria ganhar um cisne de presente. “Um cisne?!” admirei. O que uma menina pode querer com um cisne?

É claro que eu não precisaria fazer essa pergunta, pois cada uma dessas meninas pode ser encontrada dentro de mim. Eu também quis ter um cisne que entrasse pela janela do meu quarto sem quê nem por quê, deixasse lá fora a arrogância de senhor das águas, pulasse sobre a minha cama e a revirasse até transformá-la em ninho.

Engraçado, o cisne nunca veio. Mas tivemos uma relação secreta através da música. O Lago dos Cisnes. Tchaikovsky foi o nosso cúmplice. Foi por ele e através dele que nos tocamos a primeira vez. Eu vestia meias brancas, saia de tule e dançava com elegância na ponta dos pés. Transformava-me numa mulher-ave ou numa ave-mulher de pescoço alongado e sinuoso, para vivermos, no imaginário do palco, uma história de amor. Ele elogiava meu *collant* azul. Azul da cor do lago. E eu admirava o branco brilhante da sua de plumagem. E ondeava o corpo diante dos seus olhos. Olhos vorazes querendo descobrir a vida, querendo descobrir o mundo cheio de imagens metafóricas. Fui ficando cada vez menos racional, menos literal e mais literária. E tirava poesia das penas dele. Das

asas abertas que tocavam muito de leve o meu corpo. E passava a noite escrevendo. Até o dia em que ele me abraçou forte e toda ternura do mundo concentrou-se num instante inesquecível. Foi aquele o último momento da menina.

O cisne desapareceu. Quase acreditei que tudo não passara de uma alucinação, não fosse a pena que guardei num diário com cadeado. Pena dele ter voado para tão longe. Desde então percorri todos os palcos, todos os lagos, todos os mundos... e em todos esses lugares estive presente o azul do céu, o azul da água, o azul da minha roupa que ele não viu.

“Você conhece um cisne?” pergunta-me a menina vestida de *collant* azul e meias brancas de *ballet*. Interrompida em meus pensamentos, respondo que sim e recomendo cuidado. Ela agradece e diz que alguém já a havia prevenido para ter cuidado com os olhos. Rio e reforço a idéia. Ah, sim, tenha cuidado para não ter de olhar o mundo depois com os olhos feridos por um cisne. Ela me dá um abraço afetuoso e se vai como se tivesse entendido tudo. Apanho o meu filho cheio de curiosidades em saber do que falávamos. Coisas de menina, meu filho. Coisas de menina!

* * *

Zorrillo de Almeida Sobrinho

Zorrillo de Almeida Sobrinho nasceu em Fortaleza (CE) em 1927. Bancário aposentado. Membro da Academia de Letras dos Funcionários do Banco do Brasil. Dentre suas obras destacam-se: AS BORBOLETAS DO CANAÇARI, CRÔNICAS DAS CIDADES AMADAS, OS AMIGOS DE OUTRORA OU O LIVRO DA GRATIDÃO, A SECA DE 1932, OS SETE PECADOS CAPITAIS. Ocupa a cadeira n. 25 da Academia.

Noites várias! Noites de minha vida!

Sempre fiquei perplexo, diante da noite, pelo contraste com o dia – tanta claridade diurna, a desaparecer, na transição do crepúsculo, e a se submergir na escuridão da noite!

E houve noites alegres e encantadoras, noites de contentamento, a noite do enlace, do nascimento da primeira filha, e dos descendentes subseqüentes, as noites de Natal, as dos aniversários, as noites de riso, a contrastarem com as noites de lágrimas – a morte de um filho, a morte da mãe e do pai, as noites de agonia e sofrimento nas doenças, e em outros momentos de tristeza e dor.

Noites de embriaguez coletiva nos carnavais, noites de pesar profundo, nas grandes comoções nacionais.

Noites insones que não amanheciam nunca, de profunda expectativa quanto ao amanhecer, intermináveis, dolorosas, e em contraste, noites rápidas, de um alvorecer apressado, quando havia todo um encantamento a fruir, com um céu ainda brilhante de estrelas ou esplendente de luar, enquanto, na terra, sons harmoniosos de vozes ou de orquestras nos faziam sonhar acordados.

Saudosas noites de paz, aconchego e felicidade; noites de belos espetáculos.

Noites de vestibular e noites de formatura.

Noites tenebrosas de escuridão, à beira-mar, nas imaginações romanescas de uma adolescência perquiridora e insatisfeita, noites frias e inóspitas das quais estava ausente a infinita beleza do mar, e eu me sentia como diante da fauce do abismo.

Noites argêntas de luar, maravilhosas, extraordinárias, com um ar esplendente – espelho líquido, reflexos metálicos, encantadores, a lembrar as antigas lendas, sereias e fadas.

Noites de um tempo que não volta mais.

Noites em que os sinos bimbalhavam festivos, nos convites às missas do galo, noites que se encheram de vozes maviosas em serenatas.

Noites lindas sobre as águas do rio-mar, sobre os sombrios lagos da região amazônica, e noites escuras de sapos coaxantes e insetos incômodos, noites cheias de raios e trovões, noites frias da Paulicéia.

Belas noites e feias noites, eu vos saúdo a todas, desejando amar-vos como amo os luminosos dias em que o sol, realmente, é o astro soberano do dia. A vós todas, ó minhas noites idas e vividas, eu vos saúdo, a me perguntar qual de vós será aquela em que soará o meu toque de recolher?

Mato Grosso do Sul, Estado de vocação ecológica

Andando pelas avenidas arborizadas desta bela cidade de Campo Grande, numa dessas manhãs de suave e amena brisa, antes da canícula dos quarenta graus da tarde, refleti que o Estado, como possuidor de uma reserva natural importante como é o Pantanal, além de inúmeros rios e locais de extrema beleza natural, como as grutas de Bonito, e os seus rios piscosos como o de Coxim, deve desenvolver, no seio de sua população, uma consciência ecológica capaz de preservar, para as gerações vindouras, o seu imenso patrimônio natural.

E, a propósito, encontrei um artigo do jornalista e escritor francês, Edgar Morin, que vale a pena dele transcrever alguns trechos, embora a tradução retire parte do brilho com que a língua francesa reveste os pensamentos: “Até uma época recente, todas as ciências cortavam arbitrariamente seu objeto no tecido complexo dos fenômenos. A ecologia é a

primeira que trata do sistema global, com seus constituintes físicos, botânicos, sociológicos, microbianos, dentre os quais cada um provém de uma disciplina especializada. O conhecimento ecológico necessita de uma policompetência nesses diferentes domínios e, principalmente, uma apreensão das interações e de sua natureza sistêmica. Os êxitos da ciência ecológica nos mostram que, contrariamente ao dogma da hiperespecialização, existe um conhecimento organizacional global, único capaz de articular as competências especializadas para compreender as realidades complexas. Além do mais, o diagnóstico de um mal ecológico implica não uma ação destruidora sobre um alvo, mas uma ação reguladora sobre uma interação; assim se intervém ecologicamente sobre uma doença, não pelo emprego massivo de pesticidas, que, para destruir a espécie julgada nefasta, vão destruir a maioria das outras espécies, mas pela introdução, no meio, de uma espécie antagonista da espécie perigosa, o que vai permitir de regular o ecossistema ameaçado”. Nós estamos pois em presença de uma ciência de tipo novo, portanto sobre um sistema complexo, o qual faz apelo ao mesmo tempo às interações particulares e ao conjunto global, o que ressuscita o diálogo e a confrontação entre os homens e a natureza, o que permite intervenções mutuamente benéficas a uns e à outra.

Portanto procuremos preservar a nossa natureza ambiente porque nos estamos inseridos nela e dela vivendo.

As flores em minhas recordações

A primeira de que me lembro é a rosa. Como rescendia o seu perfume! Mudou o meu olfato ou as rosas não exalam mais perfume?

Fresca e orvalhada eu a colhia para depositar aos pés de quem ignorava o ofertante.

Outra flor, nas minhas lembranças, é a de resedá – havia um pé daquela flor na casa de um compadre de meu pai.

Ainda, da infância, as flores de mussambê, nas várzeas que margeavam o rio do Peixe, em Sousa, e nas quais parecia que as abelhas haviam depositado uma gotícula de mel.

E também, em Sousa, o perfume inconfundível do jasmineiro da casa de João Alvino. Inesquecível e incomparável. Por esforço e cuidado

de minha esposa, Aldenora, temos hoje um jasmineiro da mesma espécie daquele que conheci na infância.

E mais uma nos meus anos de criança, uma flor silvestre, a chanana, amarela e esbranquiçada que, talvez pelo nome, se haja gravado em minha memória.

Depois, apareceram as espirradeiras que metiam medo porque tinham a má reputação de venenosas, e quem aspirasse o seu odor espirraria até morrer. Consta que era a flor preferida dos etruscos, aquele povo que viveu na península italiana antes dos romanos.

Quando morei em Quixadá, no Ceará, onde tinha a incumbência de verificar as lavouras dos mutuários do Banco, onde trabalhava, a flor que eu mais via era a do algodoeiro pois estava ligada à minha atividade.

Em Sorocaba, São Paulo, duas flores ficaram nas recordações - o jacinto cor-de-rosa, (posteriormente, conhecemos o branco), que surgiu numa experiência dolorosa de doença. E a outra foi a margarida, cuja florescência se dá no mês de novembro, que coincidiu com a morte do meu filho Zorrillo.

Para minha família ficou ligada a ela uma conotação de tristeza. Outra flor abundante em Sorocaba eram os cravos brancos, belos, muito belos, e por último nos impressionaram as quaresmeiras, sobretudo aquelas cujas flores são roxas.

O tempo passou, e novamente no Ceará, uma flor de grande formosura ficou associada à tristeza da morte de minha mãe - a acácia amarela, cujos cachos dourados ficam pendurados como se fossem pétalas de ouro, e enfeitaram o caixão de minha genitora, e lembram, inesquecivelmente, o seu passamento.

No Amazonas conheci uma flor extraordinária e muito bela, a flor roxa da vitória-régia.

Numa das viagens à Europa encontrei, em casa de minha filha Luzia, que morava na Normandia, uma flor grande e estranha, que se imiscuiu entre as minhas recordações - a do rododendro.

Na Europa, igualmente, ficaram na memória as magnólias de uma praça em Madri.

Por fim, em Campo Grande, vicejam, em minha casa, rosas e jasmims. E minha esposa adora rosas vermelhas.

As quaresmeiras em flor

Passado o carnaval, começa a Quaresma. E como antecipando-se a essa época do ritual religioso, as árvores, denominadas quaresmeiras, engalanam-se, como se estivessem numa nova primavera, e embelezam a cidade com as suas copas de variados tons de roxo e lilás, a coisa mais linda do mundo.

E minha alma também se renova e se rejubila com o início deste novo ciclo da natureza. Daqui a pouquinho teremos o outono e a aproximação da frieza do inverno, e como se já fosse uma despedida dos dias ensolarados e belos, as quaresmeiras florescem, como num último impulso de afirmação da vida, antes do recolhimento do outono e do inverno.

E eu também volto, ciclicamente, aos meus velhos pensamentos sobre a beleza e a filosofia da vida. Keats, mais uma vez, comparece com o seu imortal verso: *a thing of beauty is a joy for ever*. E este instante de beleza das quaresmeiras é uma alegria para sempre. Desde Sorocaba, quando eu as conheci, tentei colocar uma em frente da minha casa sem o conseguir. A beleza é uma jóia que, às vezes, se esconde, permanece oculta, como no rosto de uma mulher bonita, ou numa flor, mas se esconde na alma de um artista poeta, ou de um pintor que pinta belos quadros, ou de um músico que compõe belas melodias, ou de um devoto que entoa salmos à divindade. O Senhor propicia as estações para que o homem compreenda que a natureza é de um perpétuo renovar e de uma perpétua mudança. E a vida também.

E o mundo gira, embora se diga que a oportunidade é careca, e tem apenas um fio de cabelo que é preciso agarrar, quando surge a ocasião, na verdade, com as voltas que a terra dá a oportunidade pode surgir outra vez, e aí sim, com a experiência adquirida não se deve deixar passar a segunda ocasião.

O homem procurará sempre, com ansiedade, porém hesitante e indeciso, a beleza e a felicidade, e nem sempre sabe se orientar, sobretudo se se lhe apresentam, simultaneamente, diversas oportunidades. Ele fica perplexo, e não sabe qual delas escolher. Contudo, desde o enigma de Édipo, o homem ou sucumbe ao destino ou se faz senhor dos acontecimentos como Alexandre, o Grande, quando cortou o nó górdio que deveria ser desatado.

Tal é o caminho do homem na vida. E a escolha é sua, senhor ou escravo, porque as quaresmeiras continuarão a florir qualquer que seja a trajetória da aventura humana.

Meio ambiente – Alta Floresta

Vou relatar minha experiência, meu conhecimento, com um lugar extraordinário no Estado de Mato Grosso que é o município de Alta Floresta. É uma cidade nova, situada numa região recém-colonizada, grávida de pioneirismos. O fundador da cidade ainda morava lá – O Sr. Ariosto da Riva, experimentado plantador de cidades no oeste paulista.

Alta Floresta é bafejada pelas proximidades de um garimpo de ouro. Por causa disso, a cidade, ainda pequena, já possui cinco hospitais, grandes e modernos supermercados, e ligação telefônica para todo o Brasil, apenas, na época em que a conheci, o abastecimento de gêneros era precário, na quadra das chuvas, porquanto as estradas de rodagem que lhe davam acesso, ainda não asfaltadas, ficavam intransitáveis, e só restava à cidade ser abastecida pelos aviões que lhe levavam o indispensável para a sobrevivência de sua população.

Minha função era de inspetor do Banco do Brasil vistoriando o serviço das agências e o comportamento de seus administradores e funcionários.

Em Alta Floresta, as terras são maravilhosamente férteis. O café, o cacau e o guaraná encontraram lá um terreno bem favorável para se reproduzirem, e em menor tempo do que em outras regiões do país como a Bahia e o Amazonas. Existem lá, em Alta Floresta ainda muitas castanheiras nativas. É sobre elas que quero me deter nesta narrativa.

Desde quando morei no Estado do Amazonas, na cidade de Maués, e conheci estas belas árvores, que eu admiro, não só pelo seu belo porte e sua majestade, pois alcançam alturas de até trinta metros. Nos lugares em que elas se encontram em profusão formam magníficos e esplendorosos conjuntos, dos quais o mais bonito que eu conheci foi no município de Parintins, no Amazonas.

Já em Maués, onde fui administrador, eu deblaterava contra o mau costume de alguns lavradores de abaterem aquelas árvores para, no seu lugar, plantarem apenas míseros roçados de milho e de mandioca.

Então, lembrando-me de minha vivência pregressa abordei com o Sr. Ariosto o problema, e falei-lha da minha preocupação ao pensar que toda aquela exuberante mata de castanheiras, em breve desapareceria, para dar lugar aos variados plantios da sobrevivência da região.

Ele me tranqüilizou e me disse, que ao vender os lotes da terra de seu projeto de colonização, sempre exortava os compradores a conservarem as castanheiras, as quais, inclusive, produzem frutos exportáveis – as castanhas do Pará, um produto extrativista em toda a região amazônica.

E mais, convidou-me a visitar a sua fazenda “Canabi”, a fim de apreciar o seu conjunto de castanheiras. Levou-me no seu avião particular e lá eu pude apreciar um dos mais belos espetáculos da natureza – uma floresta de castanheiras, em cujos altos galhos pompeavam belas orquídeas que a luz da manhã tornava mais deslumbrantes. E em baixo das castanheiras – enfim, um belo exemplo de conservação de um plantio natural conjugado com um plantio racional de cacau sem prejuízo para qualquer das plantas em consórcio.

Se todos os proprietários de terra tivessem esta consciência, a luta pela preservação da natureza seria menos árdua e o êxito mais garantido.

Nota. Esta crônica foi lida na rádio alemã Deustche Welle quando ainda havia o seu programa, em português, “Conversando com o ouvinte” na última década do século vinte.

Quando teremos um planetário?

Campo Grande é uma capital moderna e progressista e, como tal, já deveria ter um planetário, a exemplo de São Paulo e de Fortaleza. Eu estava em Fortaleza quando foi inaugurado o planetário Rubens de Azevedo, e um grande público fazia fila para assistir às sessões. Isso em todos os dias de funcionamento. Não só os estudantes, como o povo em geral, ia se ilustrar com as várias demonstrações sobre os planetas, eclipses, etc.

O planetário é um maquinismo que representa o movimento dos planetas e a posição dos demais corpos celestes. E Campo Grande que já possui várias Universidades, e onde os eventos culturais são cada vez

mais prestigiados pelas autoridades municipais e estaduais, ganharia mais com tal realização. Além disso, Campo Grande é também uma cidade turística, quando mais não seja, é passagem obrigatória para o Pantanal que atrai muita gente, inclusive do exterior.

Portanto espero que nos próximos anos surja um movimento para dotar a cidade de um planetário que, provavelmente, só com a receita do público poderá ressarcir a despesa dos órgãos públicos.

* * *

Guimarães Rocha

Antonio Alves Guimarães (Guimarães Rocha) nasceu em Quixeramobim (CE), em 1956. É major da PM-MS e professor. Escreveu dezenove livros, dois deles inéditos (um sobre filosofia moral). Ocupa a cadeira n. 4 da Academia.

Avareza

Reter domínios
Estancados
Na ilusão da propriedade
Malsã
É mal administrar
O que Deus empresta

Note
O avarento não brilha
Como gostaria

Torna-se
Viscoso
Asqueroso
Irritante
Irritadiço
Arredio
Triste

Um agressivo defensor
De patrimônios

Ter avareza é
Relegar filhos e irmãos
Embora verdadeiros
À indiferença
Ao esquecimento
E ao mesmo tempo apertar
Junto ao peito
Um filho falso brilhante
Que se desmancha em lama

Minha namorada

Há tanto tempo eu
Procurava-te sem saber
Que tu moravas
Junto a minh'alma
No tempo
E na memória

Eu te buscava sem saber
Que de algum modo
Cedo ou tarde
A força de todas as coisas
Haveria de colocar-te mais acesa
Em meu caminho
Avançando novos espaços
Em mim

Foste espinho
Dor
Calor
Excitação

Foste carinho
Cor

Valor
Palpitação

Foste bom vinho
Flor
Vapor
Volitação

Eu te amo não somente
Pelo vínculo espiritual
Da lei divina de atração

Corpo e alma
Move-nos o amor
Indestrutível amor

Eu te amo porque
Há em ti para mim
Uma forte razão de viver
No mundo

Busca interior

Não posso mais ficar
Dizendo que não vejo
Deus nos meus semelhantes

É preciso sentir
O Criador dentro
Da gente... viver!

E viver é
Ajudar pessoas
A sentir
Buscar viver brilhar

O coração
O corpo interno
Encontramos Deus
Em nós quando agimos pelo bem
Dos outros

É um desafio
A generosidade
Cultivarmos a paz
Nos tornarmos luz
No mundo

Sonho Luz

Embragado de amor
Busco a lucidez
Do teu passo

Faço no espaço
Um novo traço
E desfaço o aço
Do sentimento

Tu és a luz
Do meu sonhar

O brilho atrevido
Do teu olhar
É vida nova
Nos meus pensamentos

Sabedoria é
Sabor

A treva se dissipa
A claridade existe
Se a tua cor irradia
No meu despertar

Imagine e Viva

O ato de imaginar
É a comprovação
Da vida como um fato

Imagine um algo
Qualquer
E sinta...
Veja como é disso
Que a vida nasce!

Quem sonha não está
De todo acordado
Mas não sonhará
Sozinho

Pense...
Não mais que um sonho
Mas todo um sonhar
É a vida inteira se resumindo
No ato de imaginar

Campo Grande

Amar a terra em que se vive
É viver de verdade
Sentindo o tempo e o espaço
Contribuindo com a expansão
Do amor fraterno
Aprimorando todos os trabalhos
Em torno dos próprios passos
Meu amor morena
É esta cidade

Cheia de encantos
Desejos e curvas maravilhosas
De ornamental contorno

Mais que ruas
Prédios e viadutos
Parques e praças
Carros e casas
É gente
Ternura
Beleza
Alegria

Segredo e Prosa cortam
A Cidade Morena
Guardam e cantam mistérios...

Dos desalentos que se foram
O prosa ficou mudo
E o segredo contou tudo;
É que suas veias e artérias
Transportam mais que água e sangue
Máquinas e gentes

A Cidade natureza
De iluminados acertos
Harmonizou vivências
Com os migrantes
De todos os lugares do mundo

Morena é a cidade que você degusta
Tez macia, veludo matinal
De todas as maçãs

Impulso vital
Força de trabalho
Coragem à flor do dia

Quixeramobim Saudades

Esta terra me pertence
Indestrutível no coração
Suave amor alimentado
É certidão de posse real

Possuir porém não bastou
Exijo e quero cantar

Eu nasci no pé da serra

Com o Rio Quixeramobim
A água bate na pedra
E a saudade dói em mim

Minha terra é tão boa
Que de boa racha e sangra
Onde o pássaro senta e voa
Como eu

Só quem está distante canta

Se cantar saudades matasse
Acalmava meu coração
Como saudade não mata
Vamos cantar um baião

Balança neguim balança
Balança pra lá e pra cá
Eu canto a minha terra
Eu canto o meu Ceará

Ceará é charque
É sempre alimento
Do corpo e do coração

O Belo

Harmonioso é o formato
Do espírito que constrói
A estética
A partir do centro
Das belezas interiores

Canção e prece
Uma e outra são
A mesma e uma só
Coisa em ato contínuo
– Harmonia e ritmo
Dos que amam a Deus
E aos outros
Como a si mesmos

Belo é
O alimento confiável
Do coração para
O coração

* * *

Rubenio Marcelo

Rubenio Marcelo nasceu em Aracati (CE). É formado em Direito. Radicado em Campo Grande há dezenove anos, é autor dos livros: FRAGMENTOS DE MIM, CANTAR PRA VIVER, ESTIGMAS DO TEMPO, RETICÊNCIAS... SONETOS & OUTROS POEMAS, A CULTURA POPULAR NA EDUCAÇÃO. Ocupa a cadeira n. 35 da Academia, da qual é secretário-geral.

A cultura popular na Educação

Goethe, poeta alemão e gênio universal, escreveu: – *“Quereis ter um estilo claro? Fazei que a clareza ilumine vosso espírito; se o quereis elevado, procurai possuir nobreza de caráter!”*.

Entretanto, nos últimos tempos, em diversos veículos de comunicação, temos assistido a uma certa onda de lamentáveis publicações propagando o vazio, marqueteando o ridículo, degenerando a cultura e mediocrizando a arte. Às vezes macaqueadas de elites estrangeiradas, e descompromissadas com os valores ético-altruísticos e socioculturais da nossa sociedade, estas publicações podem acarretar sérios efeitos corrosivos à idiosincrasia do nosso povo e aos princípios da nossa Educação.

E é ao constarmos estes degradantes instrumentos verborrágicos (que – de certa forma – agridem e ameaçam a consciência e a sagrada herança da nossa incomparável macrodiversidade cultural brasileira) que nos damos conta da importância vital da sublime folkcomunicação do nosso país. Uma vez que é através dos desígnios singelos da cultura folk e suas altivas manifestações – como, por exemplo, a nossa autêntica e fascinante Literatura de Cordel – que podemos ter acesso a tantos temas/mensagens de valores éticos, conscientizações cívicas, morais, sociais e histórico-educativas em versos: importantes fundamentos de cidadania

tão necessários para a formação dos nossos jovens e adolescentes e nos dias em que vivemos.

É também por isso que o nosso prodigioso cordel brasileiro desperta a atenção especial de tantos estudiosos, pesquisadores, professores, escolas e universidades (pelo Brasil e pelo mundo afora), que – num processo de interação pedagógica – já inserem a chamada “literatura trovadoresca”, a “poesia de bancada”, nos seus valorosos currículos e ciclos de estudo. É a Cultura Popular “quebrando barreiras”, ganhando fronteiras, derrocando vetustos preconceitos ideológicos, políticos e estéticos, mostrando seu insofismável potencial e dinamizando espaços essenciais da Educação moderna e globalizada.

A literatura popular compreende o universo de obras, em verso ou prosa, produzidas por autores despreocupados com a complexificação do enredo e os formalismos e rigores da arte culta tradicional. É importante que se diga que muitos desses escritores possuem também profundos conhecimentos das técnicas e estilos clássicos, que, sem dúvida, propiciam-lhes maior espectro informacional para as suas ecléticas criações. Assim, atuam – legítima e espontaneamente – no vasto e fecundo campo da arte literária popular, movidos por fortes influências naturais e pelo fascínio inato desta expressão cultural (ou seja: por uma questão de opção pessoal, em determinado momento), porém – quando querem – identificam-se, perfeitamente, também com as convenções e normas que regem a vertente erudita.

Michel de Montaigne, notável escritor francês, falecido no ano de 1592, já preconizava que “a poesia puramente natural possui ingenuidade e graça, por onde ela se compara à principal beleza da poesia perfeita segundo a arte”.

Bem mais recentemente, o nosso consagrado Carlos Drummond de Andrade, sabiamente, afirmava: “O poeta popular distingue-se pela versatilidade de sua temática. Inspira-se no lendário e no mágico, tanto quanto na vida comum. O bardo popular é o menos alienado dos poetas e adapta-se às circunstâncias para melhor exprimir uma realidade social e humana de que é testemunha atenta, além de participante”. Drummond chegou a cognominar de “*rei da poesia do sertão e do Brasil em estado puro*” o cordelista paraibano Leandro Gomes de Barros, que foi o pioneiro nesta arte tradicional do nosso país (o cordel).

E se Literatura é o conjunto de produções humanas, tendo por veículo a palavra (especialmente a palavra escrita), cujo objeto é despertar o sentido da beleza (distraindo o espírito e afagando a sensibilidade), não temos dúvida de que esta sublime finalidade é também (e tão bem!) alcançada através de um vocabulário usual, versos práticos, sem ornatos e ostentações, onde a excelência das idéias e a harmonia formal das palavras e expressões predominam numa linguagem clara, envolvente e pura.

Destarte, a literatura popular e a chamada literatura culta ou erudita em nada diferem quanto aos seus desígnios e processos de criação, uma vez que, ambas, – para atingirem a perfectibilidade moral, cuja aspiração torna-se desejada por meio das íntimas emoções que traduzem o ideal do belo – utilizam os mesmos expedientes e instrumentos: palavras, inspiração e técnicas. Bastando, num caso ou no outro, que se tenha espírito iluminado e nobreza de caráter – como atestou Goethe – para que se alcance o essencial, através da palavra mágica e andarilha que transcende e aspira à eternidade.

Finalmente, ilustro estas considerações com uma citação do grande poeta e crítico literário Manoel Bandeira, que – conforme registro que fez em seu livro ESTRELA DA TARDE (1963) –, encantado com o poder criativo dos bardos populares e confessando-se humilde diante do cantador repentista, afirmou: “Ser Poeta é inventar em boa improvisação, como faz Dimas Batista e Otacílio, seu irmão, como faz o violeiro, bom cantador do sertão!”.

Tinha razão o saudoso modernista pernambucano.

Outubro vermelho

... E outubro passou! O décimo mês terminou assim como setembro (relembro), março e abril... Sem brio que acalante seus ‘homenageados’, já cansados, perdidos, esquecidos sem norte; à sorte desses anos de cruéis desenganos e esperanças vãs, ante dívidas e dúvidas de um novo amanhã. Outubro vermelho, centelhas pagãs... Outubro-outsider, fantasias malsãs de peregrinações, sem motivo qualquer pra comemorações.

Ah... Outubro, este mês de Santa Teresinha e também da Rainha Senhora Aparecida. Ou tudo ou talvez?! Ou nada consolida a grande

lucidez de São Judas Tadeu? Outubro adormeceu. Natureza florida... Poetas cantadores... Outubro dos albores vivos da primavera; das crianças envoltas em esperas, quimeras... Outubro das feras, das aves multicores, das artes, das galeras, livros e professores. Protetores da América também têm seu dia, nesse outubro das bruxas e das negras magias... Outubro das porfias, dos mestres, dos médicos e outros trabalhadores.

Poesia, onde estás!? Onde está a canção? Ó São Judas, ajudai-nos a compor versos lúdicos; iluminai nossa messe e nossa árdua missão; vigiai a Natura que na América reluta; dominai a loucura da nossa alma insepulta. Ó Dulcíssima Santa Divina Teresinha, protegei – som seu manto – todas as criancinhas; afastai o quebranto e as Parcas noturnas: soturnas teceloas do novelo da vida. Ó Altíssima e Boa Virgem Aparecida, amparai – na sua lida – os fiéis professores; daí alento e guarida aos nobres servidores desse respeitável público num circo sem saída.

Ah... Sofridos e justos servidores do povo, ter mil dores de novo já não faz diferença; ter ardores e estorvo já não traz desavença; servir suores e estroço já não causa torpor... Ver inerte o esforço já não dá mais pavor.

... Mais um outubro passou; outro dia sem cor; outro ano sem crença!? E ninguém viu, alfim, o terçado de Zeus imolando satã; nem ou(viu) os clarins e a lira de Orfeu nessa antemanhã; somente os arlequins com os seus tamborins de tons evanescentes... Sinfonias pungentes de letais desatinos...

E os plangentes sinos já anunciam finados: senhoras e senhores, servidores calados, funcionários dum público também sem destinos... Peregrinos mofinos, já quase clandestinos e desorientados...

Oh, nesses enfados, quantos talismãs que, mesclados com as cãs, ficaram esquecidos!... Renhidos na mágoa, na frágua, sem trégua, incompreendidos... Em roucos gemidos nas crinas da grima, na esgrima do pranto; nos trinos ferinos, na trama, no espanto, no canto sem fama, na flama dos hinos...

Mais um outubro se foi... Com a mesma aridez, sem talvez, em mudez... Qual setembro, agosto... Sem gosto, sem rosto, semimorto, sem paz; igual aos profissionais (homenageados?) do mês.

E findou-se outubro, com os rebanhos tangidos por ignavos pastores; seus castores feridos, de pé por um triz. Servidores servis, marcados

na tez; tingidos, suados, sofridos, sem vez; calados, fingidos, manchados de pez; cansados, cingidos por cetro soez; rendidos, vendidos, fingidos, curvados, calados, tingidos, tangidos, coitados, perdidos de vez... Perdidos de v e z . . .

Alegoria em três galopes

Ato I:

Certa ocasião, escalei o infinito,
Brincando c'os mitos em integração;
Com as nove Musas, cruzei a amplidão,
Rompendo o Olimpo em afã invicto.
Então, logo, Pégaso foi ficando aflito,
Procurando Hera e fazendo apelo...
E a deusa-rainha, num sorriso belo,
Desviando os olhos dum livro que lia,
Disse: não conturbe a teogonia,
Que isso é apenas prosa do Marcelo!

Ato II:

Depois, mergulhei no virente oceano
E, já no vesano Triângulo das Bermudas,
Calculei dez mil bissetrizes agudas...
Cateto a cateto, projetei meu plano.
No seu baricentro tracei cetro arcano,
Pra não ter engano e Netuno mirar...
Nas águas profanas pude vislumbrar,
Em meio aos planctos e algas cardãs,
Soturnos corsários e Leviatãs
Guardando tesouros no fundo do mar.

Epílogo:

Depois retornei com mil piras acesas,
Ainda envolvido em desígnios etéreos,
Após as visões dos imanes mistérios

Que habitam os ares e as profundezas.
Chegando, de novo, ao solo de impurezas,
Pude, com certeza, tudo desvendar:
As ímpias esfinges dispersas no ar,
A antimatéria e milhões de enigmas
Que estigmatizam todos paradigmas
Ocultos na terra, no céu e no mar.

“Húmus sapiens”

Eu venho tecendo o soez desatino
Das lânguidas almas vilipendiadas.
Fatídica(mente), venho de jornadas,
Pisando as pedras de fogo do destino;

Eu trago retinas assaz maceradas
E, nas minhas mãos, essas nódoas mundanas...
No peito, agruras, geenas tiranas,
Soluços arfantes em fráguas danadas.

Tateando a esmo, em trilha brumal,
Com riso irreal que ninguém mais engana,
Sou vã criatura liliputiana;

Sou da tez insana o núncio feral,
Haurindo meu húmus irracional
Na senda letal desta espécie humana...

Os loucos

I.

Os loucos estão pisando
Em templos imaginários;
Seus passos baços traçando
Tranqüilos itinerários

Nos braços da fantasia...
Não têm noite nem dia,
Nem obedecem horários.

II.

Seus bolsos são relicários
De tesouros irreais;
Os seus sentidos pressentem
As cousas transcendentais;
E reinventam quimeras
Na beira de mil crateras
Das glândulas pineais.

III.

Os loucos buscam graais,
Madrigais, coplas e hinos;
E vão, em seus palafréns,
Tecendo castos destinos...
Os loucos não são letais;
São poucos, mas são leais.
São loucos, não cabotinos!

IV.

Nesses tropéis peregrinos,
Em silêncios sepulcrais,
Os loucos contemplam mitos
Com flâmulas siderais...
Alfim, numa nuvem-lã,
Alcançam Aldebarã
E não retornam jamais!

Poesia: coágulo das cousas eternas

A poesia é um círio de eterna luz
que brota nas manhãs em périplos azuis
e guia-nos ao reino angelical das fábulas...
Ela vem com o sol-nascente das parábolas,

trazendo a ardência de amores vesanos
e todos os alfanjes desses desenganos,
cortando a emergência das leis científicas.

A poesia faz integrações pacíficas
em dobres transcendentais de mil clarinetes,
ostentando nas praças e nos minaretes
as flâmulas heróicas da grã liberdade.

E a chama poética – taça de verdade –,
tecendo oferendas para plenilúnios,
suplanta os grilhões, quebra os infortúnios,
buscando, assim, fermata em alegorias...
No êxtase do verbo, grãos de poesias
alavancam o espírito (buscam o essencial
na *commedia dell'arte* sobrenatural)
e lançam seus jograis ao elã das noites...

A poesia é o vento em sutis açoites,
polinizando nossos seres-flamboyants.
É a solidão das cercas de avelãs
nas madrugadas de geadas e outonos...
É o inflamável afã de sonhos/abandonos
guardados no silêncio dos desamanhãs.

A poesia segue com as procissões,
levando seus archotes, semeando preces;
e vem com as pавanas em ditosas messes
ou com os ritornelos das melancolias...
Ela traz os enigmas das vãs travessias
e as epifanias dos anjos e mitos...
Seus soldados-clarins, reais-infinitos,
afastam basiliscos, faunos e dragões...

Oh, a poesia é o coágulo das sublimações
e a languidez do pranto que nos aterra...
Ante a expectativa e o sinal de guerra,
É o Santo Graal dos nossos corações!

Visões estelares

(ou “Um Soneto Para Duas Estrelas”)

No negro infinito, oh bela estrela!...
Oh linda aquarela que faz recordar
De outra estrela, radiante, tão bela...
Garbosa donzela: estrela-do-mar!

Formosa ninfeta. Perfeita donzela,
Oh! leda gazela, magia estelar!
Olhar que fazia meu mar sem procela;
Só ela era a guia do meu estradar.

Ah! Estrela do mar, que um dia, em segredo,
Jurou-me – sem medo, com brilho ardente –
Ser minha somente, até em degredo!

Mas hoje, tão longe, consciente/mente,
Rebrilha ausente com lume sem fim,
Qual estrela celeste distante de mim...

Tempo-menino

Tocando meus dedos nas cordas plangentes
Do meu violão, antigo companheiro,
Relembro meu vulto-menino fagueiro,
Brincando nas praias de areias ardentes...

Saudosos instantes, distantes, ausentes,
Que me inquietam e me deixam sem jeito;
Machucam, maltratam, martelam meu peito,
Torturam minh’alma com rijos tridentes.

É só nostalgia, cilícios medonhos,
Que hoje acompanham o meu caminhar;
E nessa agonia, meu ser-avatar

Palmilha, sem lar, caminhos tristonhos;
Cantando elegias, que às vezes componho,
Lembrando meus sonhos deixados no mar!

Fragmentos de mim

Tarde brumosa sem crepúsculo,
Sem encantamento no infinito...
Tal qual esse contido grito
Que há tanto tempo acumulo.

Navalhas cortam o meu músculo,
Dilacerando um peito aflito.
Na minha cabeça, um monolito
Esmaga um corpo sem estímulo.

... E a tarde morre, lentamente,
Ao som de um sino condolente
Em badaladas de cilício...

E eu, em cisalhas de tormentos,
Tento juntar meus fragmentos
E adiar o meu suplício!

* * *

Abílio Leite de Barros

Abílio de Leite Barros nasceu em Corumbá (MS), em 1929. Advogado, professor universitário e pecuarista. Obras: GENTE PANTANEIRA, UMA VILA CENTENÁRIA, OPINIÃO. No prelo: HISTÓRIAS DE MUITO ANTES. Ocupa a cadeira n. 32 da Academia.

Uma história de amor (Páscoa – 1937)

Leu a relação dos personagens:

n. 1 – Moça adolescente, 17 anos incompletos, olhos tristes, brilhantes (Por que o primeiro detalhe descrito foram os olhos?) exuberante (o narrador esteve indeciso quanto à conveniência desse adjetivo), inteligente, muito inteligente, concluiu.

n. 2 – Irmã Diretora, idade indefinida, imbatível dedicação na formação moral das alunas – transparentes aos seus olhos.

n. 3 – Mãe da moça: cristã fervorosa, cultura limitada e que fizera da vida instrumento de encaminhamento de sua filha única.

n. 4 – O Padre Diretor...

Havia os números 5, 6, 7, que pouco importam na história. Mesmo esses números citados assim, friamente, importam pouco. Estão aqui como forma de apresentar o nosso narrador: um professor de matemática, amante de teatro, com surpreendentes conhecimentos de filosofia e escravo da lógica analítica em suas opiniões, sempre discretas, sobre a vida e os homens. Ele se mostrará melhor no decorrer desta narrativa. Era padre.

Fui até ele como portador de um pequeno pacote enviado por um seu colega de congregação. Uma caixinha embrulhada e atada fortemente

por barbantes grosseiros que, por alguns dias, foi mudando de gavetas e estantes em meu quarto de pensão de estudante no Rio de Janeiro. Devia levá-lo ao Colégio Santa Rosa em Niterói. Em mão, era a recomendação. Fui.

Cumprimentou-me afável, mas discreto. Pela forma como me recebeu parecia que já me aguardava. Olhava sem me fixar, até que, sorrindo, disse meu apelido infantil. Abraçou-me. Aquela intimidade pareceu-me estranha. Dele tinha vagas e distantes lembranças perdidas na infância. Não fora meu professor. Lembrava que jogava futebol e usava a batina para matar a bola com a perna aberta. Que montara um teatrinho em que era ator. Que em uma mesa como púlpito fez um sermão muito comentado no encontro das procissões, Sexta-Feira Santa. Que nunca poderia ter sabido meu apelido de infância. Que eu não conhecia. Mas aceitei o enredo.

Caminhamos pelo pátio do colégio – costume dos padres – uma esperteza quando se quer privacidade. Mas eu não tinha intimidades com ele e minha timidez defendia-me de qualquer abertura. Pouco a pouco fui entendendo meu papel. Via em mim um elo com o seu passado na longínqua Corumbá da minha infância. Um duto que o conduzia a emoções guardadas, por muitos anos, em escaninhos secretos de sua alma.

Começamos a tentar nos conhecer. Estava diante de um padre, mais velho, em quem não encontrava interesses, até porque minhas preocupações religiosas estavam distantes e frias naquele momento. Continuamos por aquela tarde toda nos sondando. Entendi que havia de sua parte algum interesse em manter continuidade naquele relacionamento, razão pela qual começou a garimpar afinidades entre nós.

Descobriu fácil sabendo-me estudante de filosofia. Pediu notícias do professor Pe. Teixeira Leite Penido e contou-me que anos atrás fizera com ele na Suíça, Universidade de Freiburg, um curso sobre a filosofia de H. Bergson. Abriram-se portas. Eu estava fazendo, com o mesmo professor, um curso sobre o filósofo francês. Era o elo que me levaria, algumas vezes mais, a atravessar a Baía de Guanabara. Na despedida vi que a caixinha que eu trouxera continuava fechada, em suas mãos. Abriu-a afinal, sem surpresas, o que me confirmou que já conhecia o conteúdo. Eram fotografias.

Num segundo encontro trouxe-me sua tese daquele curso da Suíça – umas vinte folhas datilografadas e caprichosamente encadernadas.

Faziam parte da biblioteca da congregação. Via-se que aqueles papéis descansaram muitos anos guardados. Confessou que a filosofia fora afastada dos seus interesses. Chegava algumas vezes à metafísica mas como auxílio à teologia. Queria dizer que aquele trabalho não acrescentava nada à filosofia. E eu entendi que ele não tinha nenhum interesse em me impressionar pelo seu saber. Via naquele trabalho apenas um instrumento de maior aproximação.

Assim que podia, dirigia a conversa àquela cidadezinha do extremo oeste – nossa cidade, ele dizia. Fiquei sabendo que vivera lá apenas seis meses. Pouco tempo e tamanho interesse? Sabia o nome de algumas pessoas, poucas, de quem, de forma repetitiva, pedia notícias. Comprazia-se em descrever a beleza local: o Pantanal imenso visto do alto da avenida, o grande rio preguiçosamente banhando o Casario do Porto onde o comércio movimentava o trabalho de operários no embarque e desembarque de mercadorias. Falava lentamente com costumeiros e intercalados silêncios. Na linguagem dos olhos eu pensava ver remotas lembranças. Saudades? De quê?

Li com muita atenção o seu trabalho sobre Bergson que me parecia lúcido, mas sem maiores originalidades como ele próprio advertiu. Entretanto, senti alguma manifestação mais pessoal, dele. Ninguém escapa à intromissão do seu estado de espírito na produção intelectual. À intrigante proposta bergsoniana da Intuição como instrumento de percepção metafísica, que escandalizava as posições racionalistas da Igreja, ele naturalmente antepôs a posição neotomista. “- Sem entusiasmo”, disse-lhe. Olhou-me com espanto e confessou que, naquele momento, o espírito apolíneo da filosofia de Aristóteles e São Tomás lhe parecia realmente desconfortável. Vivia intensas e dolorosas emoções que faziam a sua alma tomada de um calor dionísio que certamente o influenciara na exposição. Fora logo após a sua pequena experiência em Corumbá.

Minha curiosidade ficou evidentemente aguçada, mas me pareceu imprudente qualquer indagação. Espacei os encontros. Preferia que nosso relacionamento ficasse limitado à área intelectual. Manter seu convívio parecia-me significativamente enriquecedor.

Dias depois recebi um recado por telefone; desejava ver-me. Foi quando trouxe aquele ridículo rol de personagens como peças de uma

trama teatral. Havia também um roteiro. Entendi que as anotações escritas lhe poupariam do constrangimento da narração – era um caso pessoal. Duas condições foram colocadas: o anonimato das personagens e omissão do desfecho.

Todos temos segredos inconfessáveis. Alguns guardamos para sempre. Guardamos, particularmente, aqueles que nos fazem menores diante dos outros. Não seria o caso. A confissão do seu segredo o faria maior. Escondeu-o por razões íntimas. Contá-lo agora a quem não poderia engrandecê-lo, traduzia manifestação muito simples de um desejo inconsciente de livrar-se de antigas emoções incomodamente reprimidas. A sua história não envolvia culpa e na visão religiosa não envolveria pecado. Não era uma confissão escatológica. Era uma história de amor, infeliz. Vejamos.

Designado para o Brasil após sua ordenação, fez intensos estudos de português cujo aprendizado lhe pareceu fácil pois originário de pequeno povoado alpino na fronteira da França e Itália crescera bilíngüe – duas línguas latinas. A sua destinação, o Oeste brasileiro, parecia-lhe sedutora aventura – trazia o sonho de fazer catequese de índios. Nada mais que sonho! Seria professor de matemática de alunos secundaristas.

O Padre Diretor, que tomara como conselheiro e confessor, chamou-o para avisar que seria também capelão do colégio das freiras. A diretora se queixava que o atual, já velho, meio surdo, deixara de representar seu papel de orientador religioso daquela instituição. A ele, caberia rezar missa diária, ouvir confissões e dar duas aulas de religião por semana às alunas das últimas séries. Ponderou ao Pe. Diretor que lhe parecia muito drástica a mudança de um capelão idoso e surdo por um jovem inexperiente. O padre riu e se mostrou seguro da boa escolha: tinha notícias de suas virtudes, sua história religiosa e intelectual. O colégio das freiras ficava a poucos passos, não lhe tomaria tempo. Só fazia sermão aos domingos.

Não temia trabalho qualquer, ao contrário, via nele um auxiliar em sua vida religiosa. Se tempo lhe sobrava usava com atividades esportivas e extracurriculares além de estudos que desde cedo se acostumou a fazer duramente. Sentia-se bem quando o cansaço lhe levava ao sono. Necessitava viver assim para evitar o incômodo chamamento da carne que às vezes lhe parecia insuportável. E agora, um colégio de moças em vez de índios?

Programou-se: deveria se mostrar distante, evitando aproximações e intimidades – queria exercer sua função sem envolvimento. Foi assim. Nas aulas de religião olhava por cima das alunas – eram ninguém – uma massa informe. Logo sentiu-se bem sucedido, envaidecido também. Reinava na classe absoluto silêncio. Pareciam imobilizadas ou hipnotizadas por suas palavras. Ao sair da sala, entretanto, ouvia rumores e pequenos risos e cochichos que o incomodavam.

Decorrido algum tempo, a Irmã Diretora o chamou. Queria elogiar a sua ação; as alunas estavam gostando das suas lições, pediam mais aulas semanais – uma surpresa. Mas, ao mesmo tempo notara que havia sido reduzida a frequência à eucaristia. “As confissões não estão reduzidas?” perguntou. Achava que ele deveria encarar esse problema na preparação da Páscoa que se aproximava.

Levou o problema ao Pe. Diretor, sentindo-se paradoxalmente frustrado, pois o seu aparente sucesso como professor não era traduzido em frutos na prática religiosa. O diretor sorriu-lhe, acalmando-o e propondo uma explicação inesperada: a antiga frequência à confissão não estaria ligada à surdez do bondoso capelão antecessor?

Começou a preparar suas palestras para a Páscoa. Deveriam ser mais motivadoras que doutrinárias. Talvez devesse sair da torre em que se encerrara para um tratamento mais humanizado. Mudança de método: abandonar a exposição intelectualizada e centrar-se na vida dos santos – suas vicissitudes, força na fé e amor a Cristo – uma linguagem afetiva. Estava, aliás, inteiramente convencido de que aquela atenção nas aulas decorria muito pouco de sua exposição. Era ausência e não atenção. E, não precisava muita psicologia para entender que ele se tornara um ícone para as fantasias daquelas adolescentes com sensualidade nascente.

Mudança de atitude: passou a encará-las nos olhos buscando a necessária comunicação. Dois dias de preparação. Sentiu logo que atingiria os objetivos. Por vocação teatral, dramatizava como se vivesse a vida dos santos. Em certos momentos de suas encenações viu alguns olhos com sinais de lágrimas. Ao final, no último dia, seguro de seu sucesso, resolveu pedir à classe a manifestação de alguma dúvida. Nunca o fizera antes. Aconteceu o silêncio que esperava... até que uma moça se levantou visivelmente nervosa e declarou que tinha três grandes dúvidas: a primeira

era sobre a existência de Deus; a segunda, se Cristo era Deus; a terceira, se a doutrina da Igreja Católica era a doutrina de Cristo. Um choque; e as colegas se voltaram para ela em evidente atitude de reprovação. O nosso mestre respondeu que a dúvida é o caminho da verdade, que ela continuasse perseguindo as suas.

Era a moça de “olhos tristes e brilhantes”, a personagem número 1 em sua primeira aparição. Vendo-me surpreso, meu amigo narrador explicou que aquelas três grandes dúvidas foram por ele colocadas no primeiro dia de aula como roteiro do curso. A atitude da moça era um protesto à mudança da forma e conteúdo da exposição; ela queria dizer, talvez, que a teatralidade piegas ofendia à sua inteligência. No decorrer da narrativa eu teria outros espantos.

Para satisfação da Irmã Diretora formou-se uma grande fila diante do confessorário. Uma Páscoa cheia de fé. A *moça* também foi confessar. Com estudada naturalidade, como de rotina, pediu a ela que dissesse os seus pecados. Ela respondeu que não os tinha, viera pedir desculpas pelas suas *dúvidas*, não quisera agredi-lo, admirava-o. Ele respondeu que entendera suas intenções. Rápida ela se levantou. Ficou seu perfume, impregnante.

As aulas de religião voltaram à costumeira rotina. Mudanças: não mais usaria a dramatização da preparação da Páscoa. A exposição doutrinária seria feita na forma dinâmica de perguntas e respostas; diálogos constantes em classe. As temidas aproximações foram inevitáveis. A “moça”, entretanto, mostrava-se distante daquelas discussões, mas com os olhos o acompanhava, sem tréguas, como um tormento – aqueles olhos tristes e brilhantes.

Sem tréguas também fora do trabalho, dia e noite, sem tréguas. Aumentou a prática de esportes com os meninos, resolveu carpir a horta do colégio, estudava, estudava, sem tréguas. Lembrou que o trabalho intelectual de ficção já lhe havia ajudado no passado. Começou então a escrever pequena peça teatral em um ato com três personagens: um diabo e um anjo-da-guarda em luta pela alma de um adolescente. Entre criação montagem e representação da peça passaram-se três semanas em exaustivo trabalho e relativa tranqüilidade. Ele representara o diabo e com tanta autenticidade que o Pe. Diretor confessou-lhe depois que temera pela vitória final do demônio.

A Irmã Diretora procurou-o, queria recomendar a “moça”. Viu-a no confessor, viu também que não comungara, mas confiava na habilidade e convencimento do confessor, ele. Informou: ela tinha as melhores notas da classe, mas sempre arredia aos professores e de impiedosa ironia com as colegas. Prisioneira de si mesma, solitária. No recreio se ausentava pelo cantos com um livro na mão, pouco lido, usado mais como uma sinalização para ficar só. A mãe pretendia também conversar com ele.

Num sábado, de novo, ela se aproximou do confessor. O perfume a antecederia. Sem sair da rotina pediu que dissesse seus pecados. Respondeu que vinha confessar sentimentos e não pecados, não os tinha. Que estava vivendo sob efeito de uma paixão insuportável, um desespero que a fizera decidida a entregar-se, sem medir conseqüências! Antevendo um encaminhamento inconveniente, interrompeu-a ríspido; aquele não era o local. Calaram-se. Ela saiu.

Nos dias que seguiram, cuidadosamente, desviou-se dos seus olhos. O fim do semestre se aproximava – alívio. Na ausência recomporia sua alma. Mas, poucos dias depois, ao sair do colégio encontrou-a esperando-o. Antecipou-se a ele dizendo que o amor era abençoado pela Igreja dentro do casamento, era o caminho que deveria buscar. Respondeu-lhe nervosa e imperativa que ele sabia que o casamento era impossível entre eles. E que, como evidentemente se sentia correspondida, era a ele mesmo que se entregaria por amor. Balbuciou pedido para que ela rezasse e saiu em passo de fuga sem olhar para trás. Tremia.

No seu pequeno quarto passou horas intermináveis em luta com o próprio corpo. Luta desigual. Às vezes, acalmado o desejo, bastava ouvir da rua uma voz feminina para reacender o corpo em lúbrico ardor. Deitava-se no chão tomado de frio naquele mês de junho. Ajoelhava-se em longas mortificações. Começou a pensar nos instrumentos medievais de auto-flagelação. Passou parte da noite de joelhos sob um chuveiro em frio intenso. Temia o sono, pois sabia que viria tomado de sonhos. Durante o dia, ainda que se desvencilhasse das imagens, aqueles sonhos deixavam na alma uma impregnação de insuportável sensualidade.

O final do semestre estava próximo. Aqueles últimos dias pareciam intermináveis medidos pelo seu desespero. Tornou-se uma espécie de

autômato que se vestira de um manto imaginário, escudo contra qualquer emoção. Seus olhos se fizeram frios, ausentes.

Naquele último dia, a Irmã Diretora o chamou. Pediu-lhe que fizesse uma visita à mãe da “moça”. Ela soube que a filha se confessara, queria aconselhar-se. Viviam em nenhum diálogo. O pai ausente, tinha outra. Ela, um feixe de insegurança e sofrimento. Difícil negar. Evidentemente, a moça não estaria presente e seria oportunidade, quase obrigação, como padre, de mostrar os riscos que corria aquela alma adolescente. Foi, com hora e dia marcados, domingo à tarde.

A “moça” abriu-lhe a porta. Sorria gentil e o encaminhou até a sala. Uma peça simples com duas janelas altas dando para a rua, naquele momento fechadas para abrigo do frio. Um piano, velha fotografia de casamento, um quadro do Sagrado Coração. Sentou-se a seu lado. Insegura e reticente contou que não havia ninguém em casa, sua mãe só voltaria à noite, que armara aquele encontro. Aproximando-se, em sedução, quase aos seus ouvidos, repetiu que estavam sozinhos, e que não tinha nenhuma roupa sob o vestido. Jogou-se sobre seu corpo. Desvencilhou-se. Aturdido, viu-a sensualmente recostada no sofá, com as pernas à mostra: oferecendo-se, esperando-o. Tomou a direção da porta e diante da sua tentativa em impedi-lo, afastou-a com firmeza quase rude. Da porta pôde vê-la encolhida no chão, num canto do corredor, em choro convulso. Estranhos gritos de desespero e dor lhe alcançaram na rua.

Foi ao encontro do Pe. Diretor que se assustou com seu estado – lívido e trêmulo. Confessou-se e pediu chorando que o mandasse de volta para a Europa. Não tinha mais certeza de sua resistência moral. Após três dias, febre e tormento, sem despedidas e explicações, tomou o barco a caminho da ferrovia que o levaria ao Rio de Janeiro. Logo em seguida a Itália.

Essa era a história, o final. Riu descontraído como um ator que tivesse deixado o palco. Rasgou aquelas anotações que escrevera para auxílio da narrativa – em nenhum momento as lera. Parecia aliviado. Eu menos. Não consegui desvencilhar-me daquele turbilhão de emoções. Tentei alguns comentários que logo entendi lhe pareciam desnecessários ou inconvenientes. A minha presença mesma, senti que já lhe parecia dispensável. Eu também deveria deixar o palco. Mas, diante daquele

papel heróico de demonstração de fé, perguntei-lhe, talvez com inconsciente agressividade, se nunca lhe ocorria a dúvida fundamental sobre a existência de Deus – “Ele existe?” Respeitei-lhe demorado silêncio. Respondeu afinal que não era bem essa a pergunta que eu desejava lhe fazer. Disse-me que a minha pergunta tinha um conteúdo muito mais dramático, era assim: “e se Ele não existir?”.

Poucos dias depois, nos despedimos por telefone. Havia terminado seu trabalho inspetorial. Retornava à Europa, desta vez para sempre. Por alguns anos trocamos alguma correspondência. Na Páscoa mandava-me um cartão. Aos poucos silenciámos.

Último ato: quando estes fatos já se misturavam aos restos menos importantes da memória, recebi uma correspondência que milagrosamente rastreou meu endereço. Era um pequeno bilhete, em francês, dando notícia do seu falecimento; junto, três fotografias que pediu me fossem enviadas quando daquele aviso. As mesmas que um dia eu lhe trouxera numa caixinha, há tantos anos passados. Uma – ele entre os meninos do futebol; outra – o grupo teatral, ele vestido de diabo; a terceira – um grupo de colegiais adolescentes. Uma pequena seta indicava a primeira à esquerda. Na base da foto estava escrito a tinta: “Páscoa – 1937”.

Pela distância do tempo, tudo está muito morto ou muito amarelado como aquelas fotografias. Isso me desobriga do segredo quanto ao último ato do drama, o epílogo: – três semanas depois de sua fuga de Corumbá, a “moça” foi encontrada morta, sem bilhetes, em sua cama de solteira.

Churrasco de onça-pintada

O Centro de Pesquisa para o Pantanal, da Embrapa, ao fazer cumprir à risca a legislação ambiental, deu-nos ao lado do exemplo de zelo uma fantástica mostra do desacerto da lei; deu-nos um impróprio e destemperado churrasco de onça. Vamos ao caso e conclusões.

Sabemos que a lei exige uma reserva de 20% de toda propriedade rural, sobre a qual não se permite nenhuma atividade econômica. A Embrapa deu o exemplo e, em sua fazenda Nhumirim, na Nhecolândia, demarcou a área, cercou, e de lá tirou o boi, tudo como manda a sagrada

lei. A vegetação arbustiva permaneceu como estava, mas o capim, sem a poda costumeira do boi, cresceu exuberante e desastrosamente. Na seca tornou-se enorme massa de vegetação desidratada aguardando a faísca para um possível e previsível incêndio que, afinal, aconteceu. Deixando de lado o prejuízo para a vegetação, não foi possível também fazer o arrolamento dos pequenos animais queimados mas, na beira de um brejo, estava lá, tristemente estendida e assada, uma onça-parda. Ecologistas de plantão carpíram em lamentações e inconsoláveis espantaram em vão os urubus que, ignorantes, saboreavam o inusitado churrasco.

Rápidas conclusões: a primeira é que o boi, sem dúvida alguma, é elemento fundamental do equilíbrio ecológico das regiões de pastagens nativas e cerrados. Quantas vezes já assistimos a incêndios semelhantes em reservas e parques naturais? Segunda conclusão: é preciso fazer-se com clareza e urgência uma distinção entre incêndios e queimadas para efeito de necessária modificação legal. Por fim, não como conclusão, mas pura indagação: Como punir os culpados. Quem são eles? A lei prevê estupidamente e obtusamente que o culpado é o dono da terra – deveríamos punir a Embrapa?

A diferença entre incêndios e queimadas é de grau de intensidade e controle. No caso da onça queimada houve incêndio. Ultimamente, a TV tem nos mostrado uma seqüência de incêndios na Flórida, Grécia, África, etc. Aqui no Brasil tivemos Roraima. Queimadas são, ao contrário, na pecuária, a simples eliminação pelo fogo de restos de pastagens. São pequenas, localizadas e controláveis. Na realidade, as queimadas de pastagens são um controle contra incêndios, um complemento da boca do boi. A falta de queimadas pode, por exemplo, causar este ano um incêndio no Pantanal. Pela redução dos rebanhos, os pastos estão altos e secos. Falta a faísca ou gesto incendiário neste próximo agosto.

* * *

Concurso de Contos “Ulisses Serra”.

O Dedo n. 2725

Tinha-se acabado de almoçar e estava diante do espelho barbeando-se, como sempre o fazia todos os dias. Tornara-se um hábito, em princípio pela profissão de piloto mas hoje, para não se deixar ver com os fios brancos que surgem em maior quantidade no seu rosto que os pretos, bem raros. O deslizar suave do barbeador contrastava com a euforia que estava sentindo. Havia sido promovido a comandante e faria, àquela tarde, o primeiro vôo no comando de uma aeronave até o Brasil, do qual só conhecia o carnaval e o futebol, “samba e Pelé”. Lembrou. Antes, fora informado pela empresa de aviação, na qual trabalhava há anos, que ele e a tripulação desse vôo seriam identificados e fotografados quando desembarcassem, em virtude de um tratado recíproco existente entre o seu país e o Brasil. Terminando, ensaiava poses e mímicas para bem sair na fotografia, e percebeu, nos movimentos das mãos, que o dedo médio se destacava dos demais. Veio-lhe, então, uma idéia que executou no momento da sua identificação: sendo este o país do carnaval, vestiu a fantasia da superioridade americana e posou com deliberado menosprezo pelos tupiniquins, expondo o dedo médio direito em gesto obsceno, manifestando o conceito que cultivava reciprocidade.

Revelada a fotografia n. 2725, quase não se percebia o rosto do comandante, avultava-se um dedão em riste. Era a prova cabal do desacato à autoridade. “Um crime?” – pensou perplexo, não acreditando no que estava lhe acontecendo. É algemado e preso ali mesmo, diante de todos e do empurra-empurra da confusão de fotógrafos que se formou. Sentenciado a pagar multa de dez mil dólares e ser deportado para o berço natal.

Na noite do dia seguinte, escoltado por três agentes da polícia, é o primeiro a embarcar no vôo noturno n. 2725, poltrona 26, como um passageiro. Saúda o comandante e a tripulação compatriota, repetindo o mesmo gesto que fizera para o fotógrafo oficial. Ao se acomodar, percebe que o dedo treloso aumentara de tamanho. Pensando ser ilusão de óptica,

passa um lenço com a mão esquerda nos olhos, mas o dedo continuava além do normal. Um verdadeiro dedão. E feio. Pede luvas para a aeromoça e tenta esconder a vergonha. Cabisbaixo, abre um dos jornais de bordo. E, ao ler as reportagens que falam do seu inusitado incidente, sente a luva da mão direita repuxar. O dedo crescera um pouco mais. Hesitante, guarda o jornal. Os demais passageiros, que aos poucos chegavam, comentavam a atitude insólita do comandante americano. E, a cada comentário feito, o dedo parecia sentir e se alongava. De repente, vê a luva pendurada na ponta do dedo e se assusta. Solicita desta vez uma toalha. Não é o suficiente. O dedo não pára de crescer. Passa de metro. Um cobertor lhe é fornecido por fim. Mexe no dedo, que não é rígido, e consegue com certa dificuldade enrolá-lo em espiral. Quer um médico, um hospital? No meio de um voo, como? Impossível. Resmunga. O dedo viaja ocupando as duas poltronas vizinhas, a 27 e 25, que por sorte estavam vazias. Dois cordéis de carnes amontoados. Lembra uma máquina de lingüiças. De tempos em tempos a aeromoça, preocupada e solícita, lhe perguntava se estava bem. “Sim”. Alegava frio.

É o último a saltar em terra. Precizou da ajuda do corpo de bombeiros e foi conduzido direto para o hospital. Fizeram muitos exames, testes, radiografias... Nenhum diagnóstico foi possível. Ficou no isolamento sob observação. Quarentena. O dedo media agora, mais de vinte metros. O presidente tomou conhecimento do caso e exigiu providências, solução. A equipe médica, sentindo-se incapacitada para resolver o problema, encaminha o paciente à Agência Espacial, na esperança de cura do mal de que fora acometido. O caso continuou sem solução. A única novidade é que o dedo parou de crescer quando atingiu a marca de 27,25 m. Por fim, a comissão dos cientistas da Agência Espacial comunica uma decisão: levá-lo para ser examinado numa estação espacial que haviam instalado no planeta Marte, porque lá o comandante não causaria riscos à saúde da população.

“Pra Marte, não! Pra Marte, não!... “Socorro!”... E um grito desesperado ecoou numa redoma de vidros à prova de balas, onde jazia um corpo preso a um vasto leito de prontuário médico n. 2725...

Nota. Este conto, de Reginaldo Costa de Albuquerque, foi classificado em terceiro lugar no Concurso de Contos. Os dois primeiros já foram publicados em revistas anteriores.

* * *

Quadro dos sócios efetivos da Academia

Cadeira	Patrono	Titular
1	Nicolau Fragelli	Hernâni Donato
2	D. Francisco de Aquino Correia	Ângelo Venturelli
3	Ulisses Serra	Heliophar Serra
4	Joaquim Duarte Murтинho	Guimarães Rocha
5	José Ribeiro de Sá Carvalho	Enilda Mongenet
6	Arnaldo Estêvão de Figueiredo	<i>vaga</i>
7	José Barnabé de Mesquita	Américo F. Calheiros
8	Itúrbides Almeida Serra	Raquel Naveira
9	Mal. Mascarenhas de Morais	Frei Gregório de Pr. Alves
10	Argemiro de Arruda Fialho	José Fragelli
11	José V. Couto de Magalhães	José Couto Vieira Pontes
12	Mal. Cândido M. da S. Rondon	<i>vaga</i>
13	Estêvão de Mendonça	<i>vaga</i>
14	Severino Ramos de Queirós	Jorge Antônio Siúfi
15	Pandiá Calógeras	Paulo Corrêa de Oliveira
16	Rosário Congro	Acyr Vaz Guimarães
17	Eduardo Olímpio Machado	<i>vaga</i>
18	Aguinaldo Trouy	Abrão Razuk
19	João Guimarães Rosa	Maria da Glória Sá Rosa
20	Visconde de Taunay	<i>vaga</i>
21	Arlindo de Andrade Gomes	Reginaldo Alves Araújo
22	Vespasiano Martins	Oliva Enciso
23	Sabino José da Costa	Rui Garcia Dias
24	Lobivar de Matos	Arassuay Gomes de Castro
25	Arnaldo Serra	Zorillo de Almeida Sobrinho
26	Pedro Medeiros	Adair José de Aguiar
27	Antônio João Ribeiro	Lélia R. de F. Ribeiro
28	Raul Machado	Augusto César Proença
29	Elmano Soares	José Pedro Frazão

30	Otávio Cunha Cavalcânti	Hélio Serejo
31	Henrique Cirilo Correia	Hildebrando Campestrini
32	Weimar Torres	Abílio Leite de Barros
33	Ovídio Correia	Flora Egidio Thomé
34	Tertuliano Meireles	Altevir Alencar
35	Múcio Teixeira	Rubênio Marcelo
36	Frânklin Cassiano da Silva	Lucilene Machado
37	Padre José Valentim	Francisco Leal de Queiroz
38	Enzo Ciantelli	<i>vaga</i>
39	João Tessitori Júnior	Geraldo Ramon Pereira
40	Lima Figueiredo	<i>vaga</i>

Diretoria (2003-05)

Presidente: Francisco Leal de Queiroz.

Vice-presidente: Reginaldo Alves de Araújo.

Secretário-Geral: Rubenio Marcelo.

Secretário: José Pedro Frazão.

Tesoureiro: Guimarães Rocha.

Segundo tesoureiro: Augusto César Proença.